

np

Ano VIII - N° 8/7 - 15/10 a 15/11/66 - Cr\$ 500

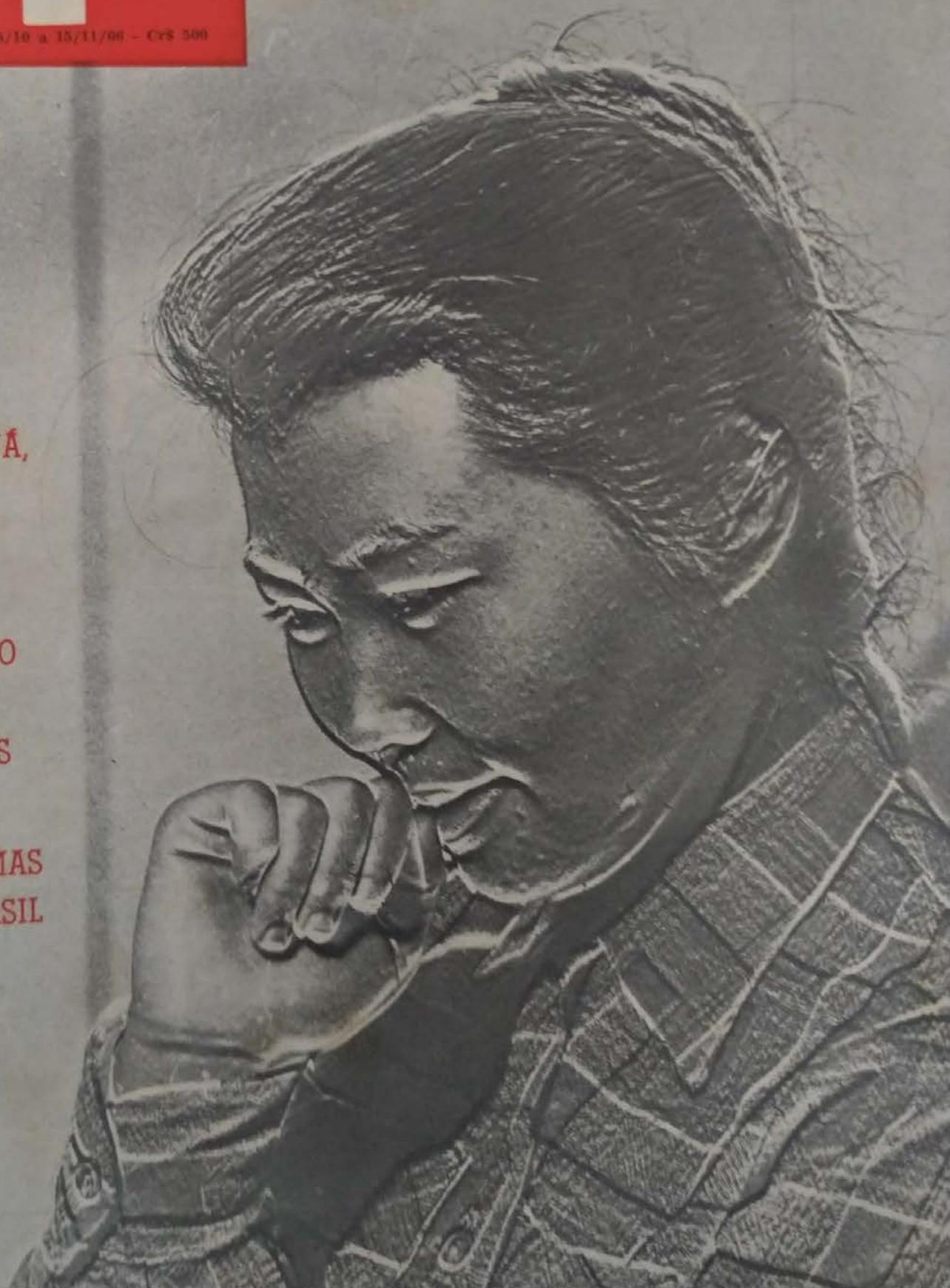
MARIA KINASHI: UMA SÓ MULHER
CONTRA MAIS DE 100 HOMENS

ARENITO CAIUÁ,
PRENÚNCIO
DE DESERTO

VETO DO VOTO
REDUZ VOLTA
DE DEPUTADOS

ALGUNS POEMAS
DE MISS BRASIL

MARINGÁ NA
DIPLOMACIA
DO TURISMO



agora 60% das versões totais!

investir em indústrias é a mais rendosa aplicação de capital. e a codepar financia agora 60% das inversões totais (ou até 90% do investimento fixo). os prazos de amortização vão até 5 anos e os juros são os mais baixos, apenas 1,8% ao mês, incorporados ao principal (inclusive taxas).



300 projetos industriais já foram financiados pela codepar. são muitos os empresários que fizeram bom negócio investindo em indústrias.

GOVÉRNO
PAULO PIMENTEL



CODEPAR
MAIS INDÚSTRIAS
NO PARANÁ

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ

RUA 15 DE NOVEMBRO, 270 6.º ANDAR
TELEFONE 4-8300 - CURITIBA

ESCRITÓRIO REGIONAL EM LONDRINA
RUA SENADOR SOUZA NAVES, 9 - CONJ. 405
TELEFONE 1338

3 ANOS SEM KENNEDY MAS A FÉ PERMANECE

Kennedy — John Fitzgerald — demonstrou como poucos o quanto é rica e vigorosa a presença do homem no processo histórico. Há apenas 3 anos de sua morte, sente-se o vácuo aberto com o seu afastamento por uma bala assassina de um crime até hoje contraditório. Mas afirma-se a superioridade do gênio e da sensibilidade humana sôbre o determinismo histórico materialista e o canto das hienas que desejam parar a história. Kennedy foi a melhor expressão de nosso tempo para uma busca de verdade que não viesse pré-estabelecida em tubos de ensaio. Representou o que há de melhor na vocação do ser humano para afirmar-se entre a experiência do passado e o impulso para novas arremetidas. Incorporou a própria filosofia do pragmatismo idealista, uma forma de humanismo liberta dos museus porque expressão concreta da hora vivida. Pergunta-se com justa razão: a situação mundial seria a mesma se Kennedy ainda vivesse? O Paraná, como o Brasil, sentiu sob a ação fecunda do seu governo o melhor momento da Aliança para o Progresso. A sua memória é um brado de luta para os subdesenvolvidos e uma afirmação de fé para o futuro.





ANO VIII — Nº 8/7 — 1966



CAPA — Maria Homi Kinashi é a única participante no processo eleitoral de 15 do corrente. Tem todas as características de uma líder e pode quebrar vários tabus: ser a primeira deputada do Estado, já que a srta Rosy Pinheiro Lima foi suplente, e ganhar também o título inédito entre as niseis. Foto de Milton Cavalcanti.

Neste número:

- Destaques, 4
- Outubro abriu com criança, fechou com barnabé, 6
- Glacy é diplomata do turismo, 9
- Miss Brasil trabalha e faz poesia, 14
- Banco de Ossos faz andar, 17
- Maria, uma só candidata, 18
- De como o povo invade estádios, 20
- O câncer da terra, 22
- Norte nôvo dança na ponta dos pés, 28
- Loanda resolve três problemas, 32
- Quem volta e quem entra pelo voto, 34
- Paraná, grande exportador de anjos, 38
- O sujeito oculto ou inculto?, 40



— NOVO PARANA: Publicação Mensal de propriedade da Editora Norparaná. Escritório Central: CURITIBA — Rua Vel. da Pátria, 475 - Edif. ASA - conj. 813 - Tel.: 4-7162. LONDRINA: Encarregado — DANIEL GONÇALVES — Edifício Sahaõ — conj. 106 — Tel.: 125. MARINGÁ: Avenida Getúlio Vargas, 266 — 6º andar — conj. 609 — Tel.: 2188 — Caixa Postal, 247. PARANAGUÁ: Encarregado — MAURICIO VITOR DE SOUZA — Edifício Itiberê — conj. 1 — aptº 6 — Rua Manuel Bonifácio, 356. SÃO PAULO: Rua Maracá, 114 — casa 6 — Tel.: 63-7870. RIO DE JANEIRO: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Av. Getúlio Vargas, 392 — conj. 306 — Tel.: 23-4588. PORTO ALEGRE: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Edifício Formac — 14º andar — conj. 144. Diretor Responsável: ARISTEU BRANDESPIM. Redator-Chefe: SAMUEL GUIMARAES DA COSTA. Editor: M. CAVALCANTI. Supervisão Técnica: AGENCIA DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO — CURITIBA. A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados, nem devolve originals quer sejam ou não publicados.

MORRE UM CISNE EM MARINGÁ — Em pouco mais de meio ano, o curso de ballet e dança espanhola da professora Roseli Maidl (na foto interpretando "A Morte do Cisne") pôde mostrar seus frutos concretos no 1º Festival de Ballet Clássico e Espanhol levado no cine Horizonte. É mais uma prova da vitalidade do norte paranaense no campo da cultura que deverá, pelo espírito de competição existente entre os municípios, fazer da arte de Pavlova uma fonte de conhecimento e realização de sua juventude. (Reportagem às páginas 28 a 30)

"CORRIDA" CAFEIEIRA AO PARAGUAI

O SENADO FEDERAL recebeu com atenção e classificou como de «ineludível relevância» uma representação da Câmara Municipal de Londrina sobre as plantações de café no Paraguai.

O DOCUMENTO DENUNCIA o que chama de verdadeira «corrida», para a nação vizinha, de capitais, de técnica e de mão-de-obra brasileiros, ultimamente estimulada pelas facilidades de cultivo e de comercialização do café em terras paraguaias.

“SÃO PATRÍCIOS NOSSOS — diz a representação — que, com a técnica e experiência adquiridas após dezenas de anos de trabalho na cafeicultura nacional, transportam para o Paraguai os seus conhecimentos, formando alí magníficas lavouras que, em futuro próximo, competirão com as nossas».

O BRASIL, e particularmente o Paraná, tem uma experiência recente do que significou a concorrência de produtos de sua própria economia, cujo plantio sistemático se iniciou na Argentina há menos de cinquenta anos e hoje, praticamente, alijaram o nosso daquele mercado. Atualmente, a Argentina produz mais erva mate que o Brasil e exatamente neste ano de 1966 suspendeu totalmente as suas compras em nosso país, por se encontrar

mais que auto-suficiente, pois inclusive já compete conosco.

HÁ DOIS ANOS, êste redator esteve em Barracão, na fronteira com a Argentina e alí constatou o contrabando regular de pinhão, através do qual se estão formando grandes pinheirais na região missioneira, a mesma onde se situam os imensos ervais argentinos.

O PARANÁ PERDEU a liderança da erva mate; está perdendo a do pinhão e, ao que parece, vai perder também a do café, como no passado o Brasil perdeu a liderança do açúcar e a da seringueira. Isto apenas indica que, em matéria de política econômica, vamos indo bem... mas não é muito, como manda aliás a tradição de imprevidência, incúria e alheamento de nossos govêrnos, na medida em que se criam e se mantêm institutos dispendiosíssimos para a «defesa» de produtos brasileiros.

SE ALGUÉM PERGUNTAR o que os paranaenses poderão fazer para impedir a «corrida» cafeeira ao Paraguai podemos responder dizendo que não poderão fazer nada, pois não estão em suas mãos os instrumentos e o comando de sua própria economia. E dizendo que não podem fazer nada estamos dizendo muito. A bem dizer, quase tudo.

O REDATOR CHEFE

DESTAQUES

PLÁGIO DÁ CARTAZ

Também no Paraná a onda do plágio vem funcionando: o cartaz premiado para a peça "As Colunas da Sociedade" foi desclassificado sob a acusação de não ser original. O mesmo se deu com o que ficou com o prêmio (OSWALDO MIRANDA) que é duramente contestado por ter, segundo denúncias, aproveitado detalhes da revista suíça Graphis. Mas a coisa não parou aí: descobriu-se que um cartaz do último festival de folclore foi copiado de um desenho theco e a última bomba foi maior ainda, pois se argumentou que o símbolo do próximo Salão de Belas Artes é reprodução de outro publicado em "Domus". Como se vê o Paraná deixa de ser provinciano. E quem não pode contestar "Strangers in The Night" (diz-se copiado de "Tango Magique") e "Disparada" (que tomou frase de "Oia, Rosinha") baixa nos cartazes que também dá cartaz.

PARANÁ MAL DE SAÚDE

Postos e centros de saúde desaparelhados e com médicos desinteressados, sem medicamentos e com outras deficiências foi o que o secretário da saúde DALTON PARANAGUÁ encontrou no levantamento feito no oeste e sudoeste. Em Foz do Iguaçu o vexame foi mais longe: paranaenses buscam médicos na Argentina e no Paraguai, embora exista no município um posto há 20 anos. Em Guarapuava, Matelândia e Medianeira também houve muita coisa cabeluda e nesta última cidade se apurou que o chefe do distrito cuida mais do hospital particular de sua propriedade. Para compensar estamos em 1º no país em vacinação contra a febre amarela (mais de um milhão de pessoas em 8 meses).

MINI-FÉRIA ENCHEU AS PRAIAS

Apesar do tempo nem sempre corresponder, gente de todos os cantos do Estado marcou encontro nas praias de Matinhos, Leste, Caiobá, Pontal do Sul e Guaratuba. Empresa de ônibus reforçaram suas frotas, mas a luta maior foi a da polícia rodoviária para desafogar a estrada, o que fez muitos veranistas suspirarem pela promessa do engenheiro ZALMEN CHAMECKI de que o traçado definitivo Curitiba-Paranaguá estará concluído até março.

GRANDE PRÊMIO RODOVIA DO CAFÉ

Pela segunda vez, este ano, será realizada no Paraná a Prova Automobilística "Rodovia do Café", para azes do volante nacionais e internacionais. Trata-se de uma promoção de iniciativa do Governo do Estado, através do DER-Automóvel Clube do Brasil, com o prêmio maior de dez milhões de cruzeiros para o primeiro colocado. A largada, em Curitiba, será prestigiada com a presença do Governador Paulo Pimentel, que antes da prova deverá recepcionar em Palácio os volantes que participarão da prova.

CODEPAR: 4 BILHÕES POR MÊS

Dos 107 bilhões que financiou em 4 anos e meio, nada menos de 33 bilhões a CODEPAR aplicou nos últimos oito meses na administração ERCILIO SLAVIERO; 23 bilhões no setor público (8,5 bilhões para a hidrelétrica do Salto Grande do Iguaçu; 13,7 bilhões para obras do DER; 360 milhões para instalar deslindadeiras em armazéns da COPASA e 525 milhões para aplicar no plano de abastecimento de leite de Curitiba) e 10,3 bilhões no setor privado.

GRALHA AINDA É TÓTEM

A gralha azul volta a ser usada como símbolo-tótem do Paraná tradicional. Na inauguração da agência do Banestado na Guanabara, o governador do Estado fez referência o fato de os promotores da solenidade terem usado a ave como símbolo.



ASSIS AGORA É «COMPANHEIRO» — O jornalista ANTONIO AUGUSTO DE ASSIS, do quadro de redatores de NP (foi, aliás, nosso primeiro Redator-Chefe) é agora «companheiro» também no Rotary Clube de Maringá, em cujo quadro social ingressou recentemente, tendo por padrinho o sr. Joaquim Dutra, que aparece na foto. Nascido em São Fidelis, no Estado do Rio, o poeta e trovador A. A. DE ASSIS discursou em versos, assim explicando aos «companheiros» a sua origem fluminense e o seu apêgo ao Paraná: «A gente, afinal, acaba / achando engraçado até: / Eu que fui papa-goiaba, / hoje sou papa-café». E para terminar, agradecendo, lascou essa: «Pois Rotary, em nossa vida, / nos traz a grata emoção / de uma vitória atingida, / um prêmio, uma promoção».

PAULO VIEIRA DE CAMARGO — Presidente da Câmara Municipal de Maringá em duas gestões consecutivas, é dos candidatos mais cotados ao legislativo estadual. Sua brilhante atuação como edil deverá assegurar-lhe boa votação em Maringá e área adjacente. Em 28 de outubro — dia do funcionário público e também do aniversário natalício de «Paulinho» — o mesmo foi alvo de significativa homenagem como um dos mais antigos servidores da justiça: 26 anos.

Ritmo acelerado na construção da Rodovia do Sudoeste, meta principal de Paulo Pimentel; no trecho Lapa-São Mateus há ação concentrada das quatro empreiteiras mesmo com mau tempo. A estrada está sendo alargada de 9 para 14 metros. Os investimentos aí somarão 10 bilhões e meio. Na frente São Mateus-União da Vitória quatro firmas operam num trabalho que no final representará investimentos superiores a 7 bilhões. Volta e meia o engenheiro PLÍNIO A. PESSOA, diretor do DER, é visto inspecionando as obras. ● Instalada nova colônia de pescadores (a Z-10) em Matinhos. É muito pouco o que se faz para evitar que a numerosa classe continue caindo na rede da miséria e da exploração. Mas o governo do Estado parece ter sensibilidade para o drama. ● Mais uma empresa do norte (Olerol, Óleos Vegetais Rolândia) recebe financiamentos públicos; o BRDE forneceu-lhe 815 milhões, mas o investimento global será de 1,7 bilhão. As atividades se iniciam em março do ano que vem e a empresa, além de óleos vegetais produzirá sabão, tortas, rações animais, adubo e café. ● O Paraná está sendo mapeado em todos os setores: levantamento florestal, geológico, hidráulico e agora climatológico. A CO-DEPAR participa de quase todos eles. O de clima despertou o interesse de órgãos como o DER, COPEL, SANEPAR para fins de planejamento. Is-

so foi discutidíssimo na 1ª Semana de Estudos Climatológicos do Paraná, que reuniu em Curitiba especialistas de todo o país. Por sinal que na referida semana Curitiba deu um «show» de variações climáticas. ● CASAS PERNAMBUCANAS, através do seu gerente José Nogueira em Curitiba, assinaram acordo com o governo para processamento, recebimento e troca de notas fiscais nas 92 filiais da firma situadas em 88 cidades paranaenses. «Sua Nota Vale uma Nota» está provando o acerto da política do sr. MAYRINK GOES na Fazenda que nem de longe lembra o terrorismo fiscal à base de «intocáveis». ● Antonina está disposta a ir a tôdas para que o seu pórtio seja emancipado. O deputado JORGE NASSAR está dando cobertura especial ao movimento encetado pelo Prefeito ALIR DIETRICH e personalidades da comuna. Enquanto isso Guaraqueçaba reclama o seu isolamento e viu cair por terra a esperança de conseguir um pósto de saúde. ● A onça que apareceu em NP de setembro chamada Cezar Augusto, pertencente à srta. BEATRIZ MAIA, perdeu a domesticidade e porque ameaçou arrancar visitas acabou no Passeio Público. Por falar no logradouro: nasceram os primeiros filhotes do casal de cisnes europeus, no fim do ano chegarão chimpanzés, bugios e orangotangos, mas — apesar das melhorias e da toilette o cheiro ruim continua. ● Araucária está se recuperando dos prejuízos sofridos com o vendaval do mês passado que custou Cr\$ 4 bilhões às suas lavouras. ● A primeira das dez usinas Diesel da «Aliança para o Progresso» já está no Paraná. Desembarcou em Santos. Dentro de cinco meses Umuarama, Planaltina, Foz do Iguaçu, Cascavel, Pato Branco, Paranaguá, Curitiba e Maringá receberão os conjuntos encomendados pela COPEL. ● O prefeito IVO ARZUA e o general JUNOT REBELO GUIMARÃES, secretário de Segurança e presidente do Conselho Administrativo do Fundo Municipal de Telefones, foram dois baluartes na luta contra a majoração tarifária para Curitiba, considerada por demais excessiva (300% a residencial para um limite de 130 chamadas). ● O escritório de advocacia FERNANDO MIRANDA, especializado em assuntos de madeira e exportação, obteve mais uma vitória para o Sindicato dos madeireiros paranaenses com o reconhecimento de que a madeira dita aplainada não corresponde à nomenclatura do Acôrdo de Bruxelas. A decisão foi da 2ª Junta Consultiva do Impôsto de Consumo do Rio de Janeiro.

A RPR - Rede Paranaense de Rádio - pela posição absoluta e indiscutível primazia em audiência - garante cobertura radiofônica total no Norte do Paraná - a região mais rica e próspera do Estado - assegurando mais vendas aos seus anunciantes.

RÊDE PARANAENSE DE RÁDIO

CURITIBA — Rádio Guairacá ● CURITIBA — Rádio Cruzeiro do Sul ● LONDRINA — Rádio Paqueta ● LONDRINA — Rádio Cruzeiro do Sul ● MARINGÁ — Rádio Cultura ● MARINGÁ — Rádio Jornal ● APUCARANA — Rádio Cultura ● PARANAVAI — Rádio Emissora ● ARAPONGAS — Rádio Cultura ● CORNELIO PROCÓPIO — Rádio Cruzeiro do Sul ● NOVA ESPERANÇA — Rádio Sociedade ● CRUZEIRO D'OESTE — Rádio Difusora ● UMUARAMA — Rádio Cultura

ESCRITÓRIO CENTRAL

Curitiba: Rua Barão de Rio Branco, 167 — Fones: 4-3273 e 4-2160

SUCURSAIS

São Paulo: Avenida César Libero, 58 — 17ª - s/1.706 — Tel.: 35-6621
Rio de Janeiro: Avenida Presidente Vargas, 392 - 3ª s/306 — Tel.: 23-4586
Porto Alegre: Edifício Formac — 14º andar - Conjunto 144 — Tel.: 9-1778
Londrina: Rua Senador Souza Neves, 155 — 2º andar — Tel.: 696 e 2433
Maringá: Avenida Getúlio Vargas, 266 — 9º andar — Tel.: 2700

ANUNCIE NA

FÔLHA DO NORTE DO PARANÁ

COBERTURA TOTAL

DE TODO O

NORTE DO ESTADO

M A R I N G Á

OUTUBRO

COMEÇOU COM CRIANÇA E TERMINOU EM BARNABÉ

CAMPO
MOURÃO
CIDADE-MODÉLO

Outubro começou com as festas às crianças, aos professores, médicos e terminou com a do funcionalismo público. Cada uma dessas categorias continuou com suas dramáticas reivindicações. As crianças constituem ainda a expressão mais clara de que estamos longe de ser uma sociedade organizada: os paliativos que adotamos para colorir uma tragédia resultam inúteis. Há uma espécie de genocídio nas estatísticas de natimortos e de mortalidade infantil (à página 39 há registro a respeito); afóra essas a legião dos que não terão um amanhã, pois a sociedade dificilmente lhes abrirá oportunidades, embora alguns esforços, no caso do Paraná, com seus programas de desenvolvimento (diversificação agropecuária e industrialização) e de escolarização e saneamento básico. Mas há em todos nós a esperança que não morre marcada no rosto risonho e judiado de um menino abandonado. Um agulhão na consciência e um apelo ao coração. Mas a data passou como «A Banda» do Chico Buarque de Holanda, ganhadora de festivais e de paradas de sucessos, deixando em cada canto uma dor, depois do sorriso. Os professores também passaram e o seu líder no Brasil, professor Ociron Cunha, colheu as reivindicações específicas da classe para evitar que as ondas emocionais que acompanham os movimentos de aumento de vencimentos destruam e coloquem em segundo plano a plataforma dos mestres que aqui, como em todo o país, merecem muito mais do que a posição quase marginalizada em que se encontram. Todavia como não há fenômenos isolados, a crise política em que se debate o país afeta a tudo. Houve novas cassações, a resistência do deputado Adauto Lucio Cardoso, o recesso parlamentar decretado pelo presidente Castello Branco. Um clima de perplexidade teve conseqüências inclusive no mercado, muito sensível às crises. No Paraná, que é exceção como sempre, a paz política, em termos regionais pelo menos, configura uma realidade indiscutível: prova disso é o apoio recebido pelo governador Paulo Pimentel de prefeitos que não o acompanharam nas eleições. Os de Guarapuava e de Cascavel, por exemplo, que recentemente o receberam juntamente com os de Foz do Iguaçu e Toledo. Nivaldo Passos Kruger, de Guarapuava, e Odilon Reinhardt, de Cascavel, ante as novas realidades criadas com a revolução e com a política aberta do governo estadual, esforçaram-se para pacificar as suas comunas e voltaram-se para seus corajosos planos de administração. O campeonato de futebol ferveu e impôs uma exigência ante as rendas espetaculares dos jogos do Ferroviário contra o Atlético e o Coritiba (a primeira deu mais de 12 e a segunda mais de 15 milhões): a construção do «Pinheirão», réplica araucariana do «Mineirão». É que nesses dois jogos ficou provado o que se está cansado de saber: os campos de futebol, com exceção do Belfort Duarte, não oferecem condições para recolher grande público. O governador nomeou comissão para tocar a bola para a frente e o presidente José Milani, da FPF, considera o fato uma decorrência natural de uma região sacudida pela mística de perseguir o segundo lugar em vários setores da vida nacional, inclusive no esporte. Aliás os meninos e meninas que integraram a seleção nacional juvenil em Montevideu deram a metade dos pontos obtidos pela representação feminina (35 dos 70) e 26 dos 147 da masculina. Jun Kurata (Maringá) é campeão sul-americano de salto triplo e Maria Helena Sogab (Londrina) do arremesso do dardo. Celso Wolf (Curitiba), Hariete Jorgensen (Curitiba), Manoel Morimoto (Maringá) e Neide Nakatsukasa (Londrina) pegaram o segundo lugar nos 400 metros rasos, no arremesso de peso, dardo e disco. Curitiba se firmou como cidade-cobaia, servindo de campo de provas para «marketing» e a grande campanha de Gillette (Faça a barba todo o dia) o comprovou. Campo Mourão nos seus dezenove anos mostrou porque é cidade-modélo para desenvolvimento agrário e Londrina e Maringá mostraram também porque possuem um vigoroso e acentuado espírito empresarial. Paranaguá, por sua vez, atingia 50% das exportações de todo o café e um 1/4 do valor global das exportações em geral. Fechou-se o mês com as homenagens ao funcionalismo público, como sempre ganhando aumento mas nunca o que precisa. Novembro, uma tradição de política tensa, veio com a curta temporada de finados (as flôres caras) e as sereias brilharam nas praias e piscinas, o que é um repouso para os olhos e uma nova frente de recreação, já que este mês, o cinema, a diversão maior, esteve racionada com o fechamento de mais de uma dúzia deles em todo o Estado, porque boicotavam o cinema nacional. O tempo melhorou, mas o nível da campanha eleitoral continuou na base da grossura, o que mostrou que o nosso tempo é choro e de riso.

Campo Mourão, cidade-modélo do Paraná, escolhido em levantamento do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário e do Departamento de Assistência Técnica aos Municípios, face à sua excelente situação geográfica e político-sócio-econômica para fins de desenvolvimento agrário, fez a 9 de outubro o seu 19º aniversário e houve comemorações especiais, presididas pelo governador do Estado e pelo prefeito Milton Luiz Pereira. Para que se tenha uma idéia do dinamismo dessa comunidade: no setor do ensino funcionam 90 unidades escolares municipais, 23 estaduais, 8 particulares e 5 do ciclo secundário; um eficiente serviço de Saúde e Assistência Social atua na região coordenado com o Centro de Saúde, Santa Casa, Casa da Criança, Creche «Sagrada Família» e Associação dos Vicentinos, 7 hospitais com 135 leitos. Só o Estado vai arrecadar este ano naquele município 2 bilhões e meio, o que é uma indicação da saúde financeira da comuna que tem no café e na madeira os seus maiores sustentáculos, mas conta com suporte de uma agricultura diversificada, na qual aparecem com destaque o arroz, o feijão, milho, soja, amendoim, algodão e outros cereais. O asfalto da estrada que demanda a Maringá se encontra em andamento: evidência desse empenho a entrega naquela oportunidade de seis caminhões e duas motoniveladoras ao 13º Distrito do DER, dirigido pelo engenheiro Aramis Meyer Costa. O prefeito Milton Luiz Pereira é uma vocação de líder político das mais promissoras do Estado: está atacando as obras fundamentais do município nos setores de urbanização e saneamento através de uma empresa mista que absorve as atribuições nesses campos — a CODUSA, Companhia de Desenvolvimento, Urbanização e Saneamento, cujo capital é atualmente de 100 milhões, figurando como majoritária a Prefeitura. Obras que a CODUSA realiza: Estação Rodoviária, administração do Moinho Municipal, pavimentação asfáltica da cidade com maquinaria própria. Essa empresa é uma autêntica inovação e representa como concepção um progresso sensível em matéria de organização por centralizar recursos para planejamento e execução de obras básicas. Essa instituição — presidida pelo industrial Rosalino Salvadori e que conta com os srs. Haroldo Gonçalves Neto e Munir Karam nas diretorias financeira e técnica — desenvolve negociações para firmar diversos convênios com o INDA.

Londrina, a maior expressão urbana do desenvolvimento da economia e da civilização cafeeira, está sendo submetida a um verdadeiro «check-up». Acontece que a CODEM (Comissão de Desenvolvimento Municipal), estimulada pela CODEPAR e DATM, já fez a avaliação inicial do levantamento sócio-econômico e físico da região para fins de planejamento urbanístico. O material colhido permitiu o diagnóstico que vai informar o futuro plano preliminar. Nesse plano vão se pronunciar todas as categorias interessadas como aliás ocorreu em Curitiba. O fato é que se necessitava fazer algo. Prova disso é que em 1940 o município era treze vezes maior e a população 7 vezes menor do que agora. Junte-se a isso a vocação industrial já manifesta, as tendências de ocupação territorial e, por exemplo, o fato de haver ali uma das médias mais altas de concentração de veículos (1 para cada grupo de 12 cidadãos) do país para que se compreenda desde logo a necessidade de correções e de implantação de um programa que permita à cidade crescer sem distúrbio glandular e deformações. As taxas de escolarização (no primário houve 25,7% de percentagem bruta de aumento de matrículas e no curso médio apurou-se o índice excelente de 22 a 24 alunos por professor na rede pública e privada) e a inclinação do deslocamento industrial processar-se no rumo oeste, justamente numa região densamente ocupada e municipalizada (a distância entre Londrina, Cambé, Rolândia são inferiores às existentes entre subúrbios e o centro em cidades de porte médio) estão a demonstrar que a Capital do Café precisa fixar já as suas alternativas conscientemente, aceitando ou não esse crescimento fabril linear. Embora atualmente o londrinense não tenha tempo para parar, o levantamento está aconselhando que se preserve o centro como se

LONDRINA, A CIDADE SÍNTESE



faz em Curitiba em favor do pedestre. Por sinal que elementos básicos da composição paisagística de Londrina serão conservados, pósto que com função diversa da atual: traçado da avenida Paraná, margeando o espigão que delimita seu centro, espécie de plataforma inclinada onde estão a praça principal, a catedral e toda grande concentração urbana. É ressaltado o papel importante da rodovia Bela Vista do Paraíso-Mauá que representa novas alternativas para si e para Cambé e Iporã. A conturbação com Cambé e Rolândia levanta a hipótese de implantação de transporte regional contínuo, uma espécie de metrô sul-gêneris. Sobre a ferrovia, as pesquisas indicam, a curto prazo, a impossibilidade de alterar o atual traçado. E que afora o pesado custo, provocaria ainda o deslocamento de 21 ramais industriais afora outros em construção. A longo prazo, a RFF previu um deslocamento da linha mais ao norte do traçado atual. Prevê-se o total congestionamento da avenida Paraná como eixo principal de crescimento, o que implicará uma nova estrutura viária que favoreça tráfego contínuo, devolvendo-se ao centro tradicional a sua condição de ponto de encontro. Seguir-se-á a criação de vias de alta velocidade acompanhando o desenvolvimento da avenida Paraná. Os estudos enfatizaram a importância paisagística e urbana do Igapó que seria uma componente com função semelhante ao mar na Guanabara e ao rio em Blumenau.

O check-up e os primeiros enfoques teóricos parecem fortalecer a impressão de que o planejamento urbanístico deverá ter uma tendência mais regional do que propriamente local. É que Londrina é a cidade-síntese da civilização cafeeira, o grande ponto de partida para um processo de ocupação territorial sem precedentes no país.

Curitiba é para os especialistas em «marketing» uma cidade-cobaia. Acontece que os seus padrões culturais e de mercado a indicaram como verdadeiro campo de provas para grandes lançamentos. A Gillette, por exemplo, a escolheu para a mais agressiva campanha de vendas: desde as fases preliminares, do estudo de hábitos de mercado, tudo foi feito na Capital para um lançamento que mais tarde se dirigirá a todo o país. Um dia, quando menos se esperava, amanheceu com cartazes com dizeres mais ou menos assim «Não na more firme com rapaz de barba mal feita», «Você faz a barba dia sim, dia não? Então dia não, dia sim você está desleixado». Afora a operação «out dars», em cartazes e painéis, a televisão entrava de rijo no mesmo tom e a coisa ia esquetando em agressividade ao ponto de as mensagens perguntarem ao empregado se o seu patrão não fazia barba e se assim fôsse sugeria um estado de insolvência, o mesmo ocorrendo com o trabalhador desleixado que não devia receber aumento. Nessa etapa a campanha tinha um evidente sentido institucional, pois pregava o hábito diário de fazer a barba sem espe-

CURITIBA CIDADE-COBAIA



cificar com que instrumento. Um dos cartazes dizia: use barbeador, navalha ou gilete, mas faça a barba! Houve a saturação psicológica do mercado: reflexos positivos nas vendas de gilete, artigos de higiene masculino, maior frequência a barbeiros e os barbudos por atitude filosófica ou artística passaram até a ser «gozados». E alguns chegaram a sacrificar cavanhaques e longas barbas há muito cultivados. Na segunda etapa, em pleno andamento, ficou tudo esclarecido: tratava-se mesmo de campanha da Gillette, hipótese que muitos afastavam em vista de o produto ainda recentemente ter feito pesada incursão publicitária com base no otimismo do tri-campeonato de futebol e na revelação da Super-Azul.

Mas Curitiba não é somente campo de provas como mercado econômico. A evidência disso está em algumas ocorrências recentes como o lançamento nacional da peça teatral de Brecht «O Senhor Puntilla e o seu Criado Matti», da coleção de modas do costureiro José Nunes, do filme «Modesty Blaisi» (uma caricatura feminina dos chatíssimos heróis eletrônicos do tipo 007 e Flint).

PARANAGUA: DUAS HOMENAGENS

Expressiva homenagem foi prestada em Paranaguá ao general Alípio Aires de Carvalho, em apóio à sua candidatura a deputado federal pela ARENA, nos primeiros dias do mês passado. Com a presença do prefeito Nelson Barbosa e assessores, do Superintendente do Porto de Paranaguá, engenheiro Arthur Miranda Ramos, seus auxiliares diretos e mais de 400 portuários, o ex-secretário da Viação ouviu dos oradores (Nelson Barbosa e Miranda Ramos) palavras elogiosas à sua atuação frente a diversos órgãos da administração estadual, especialmente PLADEP — Comissão de Coordenação do Plano de Desenvolvimento Econômico do Paraná, Secretaria da Viação e Obras Públicas e Conselho Estadual de Desenvolvimento. Respondendo à manifestação, Alípio apresentou sua plataforma eleitoral e fez referência ao seu trabalho de homem público sempre orientado para o desenvolvimento econômico do Estado. Citou, entre outras coisas, a constante preocupação demonstrada em trabalhos, estudos e relatórios publicados nos últimos dez anos, no sentido de dar melhores condições de operação aos portos paranaenses que afirmou considerar vigas mestras da economia do Estado.

Recebendo o título de Cidadão Honorário de Paranaguá o ex-governador Ney Braga foi homenageado pelas autoridades e classes produtoras daquela cidade portuária e de Morretes. Em Morretes, o prefeito Sidney Antunes de Oliveira afirmou ao saudar o homenageado: "Sabemos todos que uma simples visita governamental não faz história. Mas, quando um ex-governador vem pelas estradas que ele mesmo asfaltou, às cidades que ele mesmo iluminou, aos hospitais que ele mesmo assistiu, às escolas que ele amparou e ampliou, a história se faz de realizações em realizações, porque o governador deixa de ser governador apenas para ser a força viva, para ser a legítima força que impulsiona e agiganta a nossa terra".

Na Câmara Municipal de Paranaguá foi saudado pelo vereador Paulino Pelli, autor do projeto, aprovado por unanimidade, que lhe concedeu cidadania honorária. Coube ao Prefeito de Paranaguá fazer a entrega do diploma. Agradecendo a homenagem o ex-governador afirmou que muito antes daquela investidura já se sentia como filho de Paranaguá o que reconhecia como grande responsabilidade. Dizendo que esperava ter correspondido à confiança de Paranaguá no pleito que o levou ao governo, Ney afirmou que espera continuar a seu trabalho em favor do Litoral paranaense, cujos problemas conhece e aos quais está integrado.



Alípio, ao lado do Superintendente Arthur Miranda Ramos (foto em cima), agradece a homenagem e fala aos portuários de Paranaguá apresentando sua plataforma de candidato à Câmara Federal. Embaixo, Ney Braga ao agradecer à Câmara Municipal de Paranaguá o título de cidadão honorário. Em certo trecho de seu discurso disse o ex-governador: "Sempre vim a Paranaguá para homenageá-la, porque aqui nasceu o Paraná, aqui nasceu a semente de uma civilização dinâmica e arejada. Antes, eu já era seu filho e cidadão pela afeição; agora estamos mais próximos e mais íntimos para o diálogo de conterrâneos".





A Embaixatriz Glacy de Assis Andrade em três momentos de sua grande conquista: recebendo a faixa das mãos de sua antecessora, primeira embaixatriz da cidade (1961), Maria Ângela Moraes; posando para os repórteres e dançando a valsa com o diretor do Olímpico, Vergílio José Ternes.

GLACY, EMBAIXATRIZ DE MARINGÁ

Texto de DIVANIR BRAZ PALMA
Fotos de REINALDO A. CESAR

— Estou emocionada. Pensei que Maria Vera venceria.

Ainda vibrando com a conquista do título de Embaixatriz do Turismo de Maringá, Glacy de Assis Andrade mostrava-se humilde e delicada, dois atributos que somados à sua elegância, plástica e beleza lhe deram mais pontos do que os conferidos à Maria Vera Arantes e à sua irmã Roselis, que ficou em terceiro.

A competição de talento e beleza teve lugar no Clube Olímpico de Maringá que empreende grande esforço para estar à frente das promoções sociais e recreativas da região.

O problema maior da comissão foi decidir entre Glacy (representante do Country Club) e Maria Vera (do Clube Olímpico), o que refletia igualmente a ten-



Comissão Julgadora: José Guilherme de Frettas, da coordenação do concurso no país; sra. Maria Ângela Moraes, ex-primeira Embaixatriz do Turismo de Maringá; Antônio Eriberto Schwabe, representante do prefeito Luiz Moreira de Carvalho, jornalista Clara Brilman e Vicente Muniz, também coordenador.

dência do grande público presente à festividade que também dividia as suas preferências.

— Espero cumprir bem o meu papel como representante de uma comunidade culta num certame que visa dar apoio ao desenvolvimento do turismo. E Maringá, dentro do Paraná e do próprio Brasil, muito representa nessa questão de turismo, não só em virtude do que é como expressão da civilização cafeeira, mas de sua capacidade de amar o país, de deslocar-se pelos vários pontos do território nacional e de dar a sua quota de contribuição para essa indústria da paz.

A declaração rápida da Embaixatriz Glacy de Assis Andrade, feita a NP, logo após ser eleita, é uma amostra de como foi bem assimilado o sentido mais profundo do certame por tódas as áreas interessadas.

DECISAO EM FEVEREIRO

A decisão do concurso regional deverá ter lugar em Londrina no início de fevereiro. Lá, após a escolha da embaixatriz da Capital do Café, haverá o confronto das candidatas dos vários municípios. A Promotur — Companhia de Turismo está tomando tódas as medidas para que o certame tenha sucesso, devendo a vencedora concorrer em São Paulo (Santos e em São Vicente) com a representante dos demais Estados.

Em todos os municípios, onde se realiza, o certame tem atraído o interesse de tódas as camadas sociais e em Maringá não fugiu à regra. Sete candidatas, tódas com possibilidades de conquista, desfilarão perante a Comissão Julgadora presidida pelo sr. José Guilherme de Freitas, da Coordenação Geral do concurso; e integrada ainda por Maria Angela Moraes, ex-Embaixatriz do Turismo de Maringá — 1961; Antônio Eriberto Schwabe, representante do prefeito municipal, jornalista Clara Brilman e sr. Vicente Muniz, também da coordenação do certame.

Candidataram-se as srts. Roselis Assis de Andrade, Maria Lúcia Ferreira, Delma Cristina, Glacy Assis de Andrade, Maria Vera Arantes, Ilza Bueno de Godoy e Maria de Lourdes Baladelli.



Glacy



Maria Vera



Ilza

AS CANDIDATAS NA PASSARELA

Muita desenvoltura e classe no desfile de Glacy. Confirmou nas provas de cultura. Trajava «toilette» em cetim amarelo-ouro, com renda de igual tonalidade, complementos e cetim em preto. Representou o Country. Já Maria Vera Arantes, do Olímpico, uma das mais ovacionadas, desfilou com traje confeccionado em renda finíssima branca com complementos em pérola.

Roselis, 3º lugar e irmã da vencedora, usou vestido de chifon branco, complementos de cetim preto.

Maria de Lourdes, também do clube promotor, revelou sua experiência na passarela, onde tem participado de desfiles de modas.

Delma Cristina, também do Clube Olímpico, como Maria Lúcia e Ilze saíram-se tódas muito bem, desfilando com segurança e graça.



Os casais Joaquim Mário Paes de Barros e senhora e Walter Machaço da Costa e senhora foram presenças de destaque no acontecimento.



Maria de Lourdes



Delma Cristina



Maria Lúcia



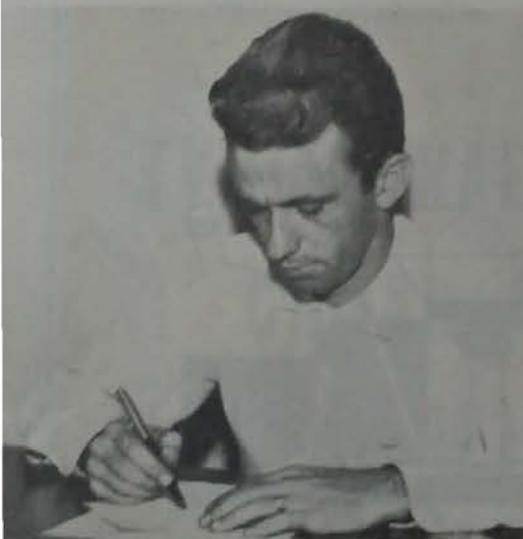
Roselis

OLÍMPICO PARTE PARA OUTRAS

Vergílio José Ternes e Mauro Afonso Cezimbra, diretor presidente do Conselho Administrativo e diretor financeiro, respectivamente, do Clube Olímpico, dois sustentáculos da agremiação de maior corpo associativo do norte paranaense. Tanto o planejamento como a execução do trabalho programado deles depende. A próxima meta na parte de promoções é a eleição de Miss Temporada de Verão 66/67.

O sucesso do certame, desta feita promovido pelo Clube Olímpico, veio compensar os esforços dos seus diretores empenhados em colocá-lo à frente das promoções recreativas. O sr. Vergílio José Ternes, diretor presidente do Conselho Administrativo do clube, acha que êsse deve ser o impulso normal da agremiação que possui o maior quadro associativo do norte paranaense. E adiantou para o repórter as promoções dêste ano e do início de 1967: Baile de Férias, a 8 de dezembro, quando se elegerá a Miss Temporada de Verão 66/67. Em passarela montada sôbre a piscina olímpica as candidatas desfilarão em maillot sob os acordes da Orquestra Nelson de Tupã. Para dar um toque de mais refinamento haverá, na mesma oportunidade, desfile de modas da linha Verão 66/67.

Um plano de festejos comemorativos especiais para o Carnaval — que determinará a contratação da Orquestra Pan-Americana de Itapetinga — deverá consolidar a posição do clube nos festejos momescos. Para o inverno há também em estudos um calendário especial de promoções.

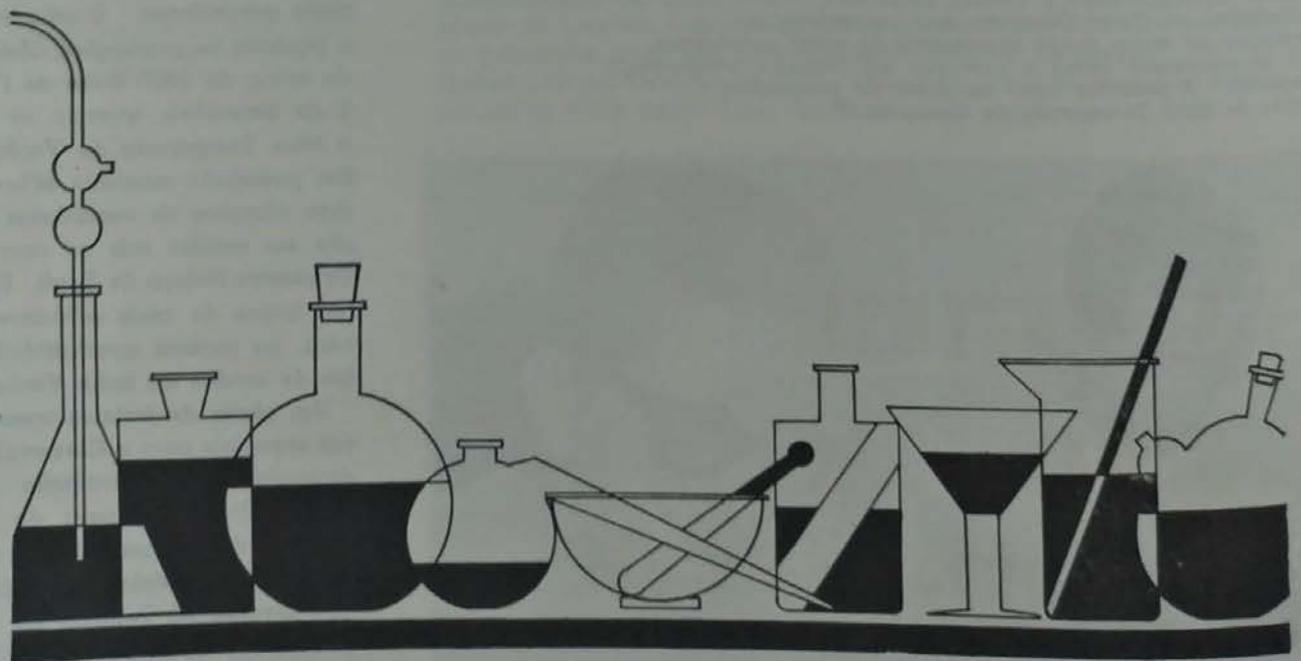


DROGARIA MORIFARMA

**UMA ORGANIZAÇÃO PIONEIRA
SERVINDO O NORTE DO PARANÁ**

MATRIZ: MARINGÁ

FILIAIS: MARINGÁ, LONDRINA, CIANORTE, CRUZEIRO D'OESTE, PARANAVAÍ (DUAS), MANDAGUARI E NOVA ESPERANÇA



CAPITAL: PIONEIRISMO

Quando a TV-Paranaense foi inaugurada seu principal capital era o pioneirismo. Foram tempos difíceis, quando a televisão no Paraná era feita na base do entusiasmo e da improvisação. Hoje, êsse quadro mudou totalmente. E nós, da TV-Paranaense, nos orgulhamos de nossos novos transmissôres do ótimo e moderno equipamento de estúdio, dos «video-tapes», dos nossos artistas e dos nossos programas da mais alta qualidade. Mas o nosso principal capital continua sendo o pioneirismo e o entusiasmo em alcançar novas metas de desenvolvimento.

**TV-PARANAENSE,
CANAL 12
(A PIONEIRA)**

MINÉRIO PODE DAR CICLO DE OURO AOS PARANAENSES

L. Celinski

Conquanto partindo, como sociedade aberta e jovem que é, para inovações no campo do planejamento econômico — e as empresas de economia mista aí estão com sua vitalidade para confirmá-lo — o Paraná encontra nas experiências da União e de outros Estados uma alternativa eficaz para os seus problemas de desenvolvimento econômico e social.

O desencadeamento do processo que o empolga leva-o por vezes a partir em termos de organização, de busca de técnica e conhecimento, de um marco zero em suas empreitadas. Vários levantamentos básicos o comprovam: um deles o da Carta Geológica, outro o da climatologia e dos recursos vegetais. Busca-se através de uma coordenação (CODEPAR, IBPT, DGTC, DER, PETROBRAS, DER, COPEL, IBGE e CNP) recuperar o tempo perdido ou «bureaus» de pesquisas geológicas e minerais, incumbido da elaboração de projetos de mineração e planos de lavra, pesquisa detalhada e exploração dos recursos do subsolo economicamente vantajosos e incentivo financeiro aos empreendimentos direta ou indiretamente vinculados a tais objetivos. Tal entidade seria a um só tempo organismo público e escritório de estudos e não seria pioneira, pois Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás já a possuem na Metamig, Araguaia e Metago, respectivamente. Fiel à mesma sistemática, caberia constituir uma empresa a que já aludimos — à MINEROPAR dedicada exclusivamente ao fomento da exploração dos recursos do subsolo, projeção regional da MINEROBRAS, órgão que acabou não vingando.

Tal empresa poderia inclusive absorver a recém-fundada SIDEROPAR, haja vista que o Paraná possui mais folhelho (xisto) pirobetuminoso, calcário e carvão do que ferro. Em números: 200 bilhões, 3 bilhões e 45 milhões contra apenas 15 milhões de toneladas de ferro, o que de acôrdo com as médias nacionais se esgotaria em um ano de operação siderúrgica.

Formar a técnica qualificada é uma outra necessidade indispensável e paralela, pois qualquer programa de pesquisa e exploração sofreria grave risco se êsse ângulo fôsse desprezado. Não basta mapear apenas, embora isso surja como prioritário, mas não se verifica ênfase para essa questão da formação do «know-how», de técnicos especializados ou de média especialização. Nos colégios a geologia não é lecionada e há necessidade de despertar vocações nos cursos secundários para que se justifique a criação de cursos superiores. Há insuficiência de corpo docente e tudo está a sugerir um programa pioneiro para motivar os futuros operadores dêsse campo tão promissor para a nossa economia. Incluir a geologia nos cursos secundários do 2º ciclo é o caminho a longo prazo para um aproveitamento efetivo das dispendiosas pesquisas em andamento.

Deve-se criar igualmente na Universidade do Trabalho cursos técnicos de nível médio, 2º ciclo, que lançariam no mercado de mão-de-obra uma classe de profissionais intermediária entre o operário qualificado e o técnico de nível universitário. Isso se faria ministrando aulas de Pesquisa Geológica, Prospecção de Minérios, Mineração e Metalurgia, em três ou quatro anos, em regime semelhante ao de outros cursos já existentes em Curitiba.

O tempo do «ufanismo» deve ser superado por uma ação prática e por uma política que dê instrumentos para o desbravamento científico do nosso patrimônio natural.

A MULTIFACE
DE CADA UM (III)

UMA RAINHA

ORAÇÃO ÀS CRIANÇAS QUE BRINCAM NA PRAIA

O sol da manhã
é todo para vocês
e a brisa suave
é para harmonizar
com a sua pureza.
Os seus pensamentos,
ao mexerem na areia,
pertencem
ao mistério da vida.
E na realidade
só os cachorros
e as gaivotas
participam com vocês
dessa integral verdade.

A ENTRE KAFKA E O PEQUENO PRÍNCIPE

ORAÇÃO A MONTANHA

Você é criança,
porque se deixa envolver pura pela névoa da aurora,
Você é paixão,
por ser a ânsia da terra subindo ao céu.
Você é amor,
porque só o amor tem a beleza de toda a natureza
no seu momento de maior esplendor.

Ângela Vasconcellos fala de Kafka como se estivesse se referindo a um amigo que lhe fez pungentes confissões: procura compreender a sua luta em dura solidão e impressiona-se com o potencial de ternura do homem angustiado. Na sua visão do mundo há uma permanente interferência de valores cromáticos e plásticos — ela é pintora também — e essa marca vai ser encontrada nas suas experiências poéticas (nas orações à montanha e às crianças que brincam na praia, carregadas de um ingênuo lirismo) e na perseverança com que busca agora os caminhos da arquitetura. É uma das moças mais atarefadas de toda sociedade paranaense: desde que reinou como Miss Brasil sua vida entrou num ritmo a que não estava habituada, comparecendo principalmente a festas e promoções de fundo beneficente. Muitas vezes liderando campanhas filantrópicas. Além disso, busca preparar-se àrduamente para o vestibular de arquitetura e ainda tem tempo para dedicar-se ao telejornalismo, onde aparece com muita classe ao lado de J. J., Jamur Junior, Alcides Vasconcellos e Philomena Gebran. Assim mesmo estica o tempo e lê bons livros (Sartre, Gide, Jorge Amado, Dostoiowski) e pinta.

Um reporter contou, certa feita, que Ângela Vasconcellos antes de ir à passarela nos ensaios do concurso que a elegeu Miss Brasil estava lendo «A Metamorfose», de Kafka. O nível denso da leitura não parecia naturalmente substituir o calmante e muitos, baseados na precária informação cultural das misses em geral, julgaram que se tratava de um invento jornalístico pelo contraste de ajustamento da imagem física e juvenil de Ângela com o peso da literatura amarga e profunda do gênio tcheco.

— Li o que me veio às mãos de Kafka. «A Metamorfose», «O Processo», «O Castelo», «Diário Intimo», «Carta a meu Pai», «Contos» e um bom pedaço de «América». Conheci Kafka, primeiramente por estudo, para atender exigências do curso clássico e passei a interessar-me por ele. A luta de Kafka, conquanto exercida na solidão, é a de um homem que aceitou o desafio da existência, embora o intimismo do seu combate. É claro que cada um dá a sua visão pessoal — muitas vezes inclusive compensando desajustes afetivos — à obra de um escritor de tal envergadura. Daí o empenho de muitos em aplicarem conclu-

sões filosóficas ao comportamento do artista, reduzindo determinados aspectos de sua obra como se o fragmento substituisse a totalidade».

Ângela fala com vivacidade e desembaraço: acha que a mensagem do escritor nada tem de negativa, por afirmar a luta de um homem que desejou enfrentar os seus conflitos mais íntimos sem desprezo à consciência.

— A presença do pai em Kafka é um dos traços mais fascinantes. A sua viva interferência, mesmo como uma sombra ou símbolo, me parece mais forte do que até mesmo a herança cultural da religião tão marcante na comunidade judaica.

Mas a maior impressão literária para Ângela é, depois da Bíblia, o delicado «O Pequeno Príncipe», de Exupéry. Acha-o a maior criação por sua carga de comunicabilidade imediata, universal, capaz de comover intensamente ao mesmo tempo em que dá uma visão limpa do mundo de ternura de cada ser e em que faz caricaturas amáveis, mas firmes, dos vícios e defeitos humanos. Outras preferências literárias: Sartre, Gide, Dostoiowski, Jorge Amado e Verissimo.

É a pintura, mais do que a literatura e a filosofia, que marca a sensibilidade de Ângela. Sua mãe, dona Arlete, excelente pintora, moderna e figurativa, com presença destacada em salões de artes plásticas, foi uma boa influência. E está sempre pintando quando tem tempo, pois leva uma vida muito agitada na preparação do vestibular de arquitetura, na sua intensa participação em obras de benemerência e mais ainda agora como apresentadora do telejornal «Última Edição» da TV-Paranaense, Canal 12.

— A pintura como a arte em geral ajuda a viver. Dá mais sentido à vida, enriquecendo-a, e continuidade à obra Divina. Se todos nós temos o poder de criação, que é imenso, no momento em que o descobrimos, somos impelidos a produzir.

Sobre abstracionismo e academismo:

— O abstracionismo é muito mal compreendido inclusive por exigir despreendimento de diversos tabus sobre o problema da representação da realidade que só para o academismo deve ser tomada em termos fotográficos estacionários. Acontece que a própria concepção moderna de fotografia superou a idéia de

SEGUE

modelo e da paisagem convencionais. Um outro mal é a picaretagem e a aventura, dos destituídos de talento e principalmente de honestidade intelectual, que encontrando uma chance na pintura partem para os borrões e encontram outros tipos desonestos na crítica e edificam a teoria e a escola dos borrões. Na realidade um quadro abstrato me parece mais difícil de ser pintado do que um modelo acadêmico. Daí fugir muitas vezes à compreensão de um público viciado num padrão de arte.

Angela já obteve premiação por sua pintura e isso aconteceu num salão de jovens.

— Se vejo alguma missão na arte? A arte é uma Verdade da vida já descoberta. Logo a sua missão é mostrar a nós mesmos, numa tentativa de esgotamento, muito da vida.

Dêse apêgo ao mundo das artes visuais nasceu a sua decisão de estudar arquitetura. Estuda bastante embora a escassez do tempo e deliberou cortar mesmo todos os compromissos, pois se encontra às vésperas do vestibular para não ser surpreendida como no ano passado quando não tinha condições de ser aprovada em vista das suas múltiplas atividades.

— Procuo o curso universitário para unir o útil ao agradável. O útil é a necessidade lógica de ter independência, uma garantia na vida, enfim fixar-me como ser humano. E o agradável é a minha identificação com uma profissão tão rica de significados artísticos, sociais e humanos e sobretudo ter uma atividade produtiva.

no vídeo

— Estou adorando o telejornalismo. Acho-o mais dinâmico na forma de captar o cotidiano do que outras modalidades de jornalismo. Além do mais estou feliz porque me encontro trabalhando, o que julgo uma necessidade para todos, e adquirindo muita experiência.

Assim se refere à sua mais recente atividade: o telejornalismo. Não teve dificuldade em adaptar-se rapidamente aos estúdios porque já conhecia muito do mecanismo do vídeo como entrevistada, pois tem sido assunto em todas as emissoras do país e já apareceu também no Exterior.

uma impressão da meninice

— Adorava ir de São Bento do Sul para Joinville em Santa Catarina num trenzinho Maria Fumaça. Ficava lá no último vagão, numa gradinha velha do lado de fora, com meu pai, enquanto o trem atravessava a serra.

música

— Além de um pouquinho de violão, só toco vitrola. Mas tenho preferências: no clássico Bach e Vivaldi e no popular a bossa nova (Edu Lobo e Vinícius), Pino Donaggio e Aznavour e os Beatles.

esporte

Filha do cel. Osni Vasconcellos, grande desportista e um dos melhores jogadores de bola ao cesto do Paraná, Angela aprecia o esporte como espectadora.

— Pelo exercício físico, prefiro o bal-let.



Grande acontecimento social em Curitiba, a 15 de outubro, na Igreja N. S. do Rocio, foi o casamento da srta. Diori Redy von der Osten Pinheiro com o publicitário Silvino Mendes, diretor da S. J. de Mello Publicidade no Paraná. Paranimaram o ato no civil os srs. Raul L. Ermellini e senhora, Pedro Sartorelli e senhora, Germano Krüger e senhora e Luiz Carlos Ramoa e senhora. No religioso o sr. José Mendes do Nascimento e senhora (irmão do noivo residente em São Paulo) e sr. Nelson Torres Galvão e senhora, representado no ato pelo sr. José Torres Galvão. Representantes da imprensa, rádio, televisão e dezenas de amigos dos nubentes de vários Estados compareceram ao ato, bem como o sr. Samuel J. de Mello, diretor-presidente da S. J. de Mello Publicidade.



A geladeira é o elemento comum a um banco de sangue, de leite, de olhos, de pele ou de ossos. Só varia a temperatura.

Bancos de Saúde (também) não agüentam corrida (III)

A CIÊNCIA JÁ NÃO ENGATINHA NO BANCO DE OSSOS

Milhares de pessoas puderam andar ou utilizar bem os membros superiores graças ao Banco de Ossos no Paraná que lhes permitiu evitar uma perda considerável de função ou amputação. Na Capital do Paraná existe um Banco no Hospital de Clínicas que tem servido não só ao próprio hospital, como igualmente, com muita frequência, a intervenções ortopédicas de especialistas em quase todos os nosocômicos da cidade. Encontra-se sob a supervisão do prof. Heinz Rüker, da Clínica Traumatológica e Ortopédica do HC.

Esse banco existe há quase 10 anos e além de pequenos enxertos já forneceu fêmures e tíbias inteiros que foram colocados em numerosos pacientes com absoluto êxito.

Acontece que ante a grande incidência de acidentes se torna cada vez mais frequente a perda de substância óssea, notadamente dos membros inferiores e quando tal não ocorre o osso é tão lesado que perde a capacidade de consolidar as fraturas. Em muitos desses casos se empregam enxertos ósseos com o propósito de proporcionar material (matéria-prima) para consolidar a fratura e obter a continuidade óssea. Muitos tipos de tumores ósseos igualmente são passíveis de ressecção parcial ou invés de amputação. Essas

ressecções podem ser substituídas por enxertos ósseos maciços como por exemplo a metade de um fêmur ou de uma tíbia.

ACIDENTES QUASE EMPATAM COM CÂNCER NO OBITUÁRIO

Tanto o banco de ossos como o de pele são imposições diretas da vida social moderna, face a frequência dos acidentes que ocupam nas estatísticas locais posição de relêvo. No ano passado em Curitiba os acidentes juntamente com os envenenamentos e violência apareciam em terceiro lugar entre as causas de mortalidade (96,75 para cada 100 mil habitantes). Em 1964 na Capital a posição era terceiro lugar (82,33 em números relativos e 357 em números absolutos) e no Estado em sexto com 1.725 óbitos. No Estado aparece à frente do câncer embora na Capital êsse lidere a mortalidade, o que se explica pela maior concentração em Curitiba de recursos hospitalares.

É claro também que a Capital mantenha ao lado de melhores meios de prevenção de acidentes, recursos médicos e hospitalares mais modernos, inclusive na parte referente a pronto socorro.

Nesse panorama é importante a intervenção dos bancos de ossos e pele o primeiro porque as fraturas estão à frente das estatísticas de morte e acidente e o segundo em vista de que queimaduras aparecerem em quarto lugar. As perdas de substância óssea de pele exigem com muita frequência a intervenção do banco. Aqui há vários operando, mas o principal se encontra precisamente no Hospital de Clínicas.

O MELHOR ENXERTO É O DO PRÓPRIO ORGANISMO

O médico Osny Preuss da Clínica Ortopédica do Hospital de Clínicas explicou a NP como funciona um Banco de Ossos referindo-se ao existente naquela instituição:

"O Banco de Ossos só pôde existir efetivamente após o desenvolvimento de acurados métodos de assepsia, pelo sucesso da implantação de um enxerto está na dependência de sua esterilidade, já que a infecção o elimina do organismo em meio a uma massa de pus".

O enxerto tem a sua fonte mais comum no próprio organismo de quem vai recebê-lo. E só quando isso não é possível é que se recorre aos estoques dos bancos. Para conseguir esta matéria busca-se as seguintes fontes: restos de pequenos fragmentos ósseos de operações ortopédicas; de cadáveres (indivíduos que não tenham morrido de doença infecciosa são levados poucas horas após o desenlace a um centro cirúrgico e aí como se estivessem submetidos a uma operação "in vivo" fazem a retirada de ossos) e de animais (o mais empregado é o de vitelo).

A conservação do material pode ser feita em câmaras frigoríficas a uma temperatura abaixo de zero (enxerto guardado em frascos estéreis), em substância líquida antisséptica (mais usada é o mertiolol) ou sob a forma "Died Graft" (tipo enxerto desprovido de matéria orgânica, ficando só a parte mineral, esterilizada a calor e a seco, podendo ser conservado indefinidamente, ao contrário das outras que se prolongam no máximo até 4 meses). O Banco de Clínicas é do primeiro tipo citado.

O auto-enxerto é o melhor tipo de enxerto: uma vez colocado na região receptora, as camadas superficiais nutrem de imediato e permanecem vivas. As mais profundas poderão morrer, mas muitas vezes a vascularização penetra rapidamente e encontra os próprios vasos do enxerto e mantém viva a maior parte das células. Isto é possível quando o enxerto é de textura esponjosa, de malhas largas, que possibilita o contacto com o receptor. O contacto do enxerto com a zona receptora resulta uma aderência de natureza fibrosa e gradativamente mais firme até ser do próprio tecido ósseo.

A parte orgânica dos homólogos hetero-enxertos é reabsorvida e concomitantemente ocupado seu lugar pelas células do receptor. O processo "pega" é mais lento. A substância orgânica dos hetero-enxertos poderá provocar reações às vezes tão sérias que resultam na recusa do enxerto por parte do organismo receptor. Foi por esta razão que se passou a usar os "died graft".

A MENSAGEM DA SENHORITA HOMI

ENTREVISTA COM MARIA HOMI KINASHI,
ÚNICA MULHER NO PARANÁ CANDIDATA A
UMA CADEIRA NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
NAS ELEIÇÕES DE 15 DE NOVEMBRO



Maria Homi Kinashi, jovem nisei (filha de japoneses), acadêmica de Direito da UP e ex-líder estudantil do Norte do Paraná resolveu tentar na política de verdade a realização dos ideais que defendeu na política-mirim. Disputou uma vaga na chapa de candidatos a deputados estaduais pela ARENA e venceu o primeiro round. Em junho passado foi assunto de NP no artigo de A. A. de Assis: «Vá em Frente, Maria» (ela afirma que o fato foi decisivo para a sua vitória na convenção da ARENA). Hoje figura na capa de nossa revista numa homenagem à única mulher candidata, no Paraná, nas eleições de 15 de novembro, a candidatura de Maria tem uma mensagem: a participação ativa da mulher paranaense no processo político estadual e, através dela, a atuação mais realística e mais decisiva do Estado no problema da educação da juventude. Afirma a senhorita Homi: «A mulher paranaense deve trazer para o Governo a sua valiosa e absolutamente insubstituível contribuição no ingente embate pela construção de uma sociedade mais tranqüila, confiante e feliz. Deve deixar sua posição de sofrida inércia, de angustiante expectativa e tomar consciência de sua cidadania e da força poderosa que representa no nosso meio social». Maria tem idéias sobre o desenvolvimento nacional, e define: «Esse desenvolvimento só pode ser alcançado com um alto índice de educação do povo, para que uma esclarecida compreensão da realidade lhe permita imprimir, à sua atividade diária, o valor da colaboração individual para o bem comum. O povo precisa estar em condições de corresponder aos planos governamentais. Para que qualquer planificação do governo tenha êxito e alcance seus objetivos, é necessário que o povo dela participe, consciente de seu alcance e de seus benefícios. E para que o povo atinja esse grau de politização é necessário educá-lo desde a infância». Esta é a tese que a candidata defende, afirmando: «A infância é o maior contingente de estudantes no Estado. E é nesse estágio de instrução que se exigem maiores cuidados e o mais

A oriental ou à Mona Lisa, o sorriso de Maria não tem nenhum enigma. É o sorriso da juventude que sabe o que quer e para onde vai. Pensando na campanha ou olhando para a frente, a jovem candidata desafia o futuro. Ela não pensa em derrota. Se não se eleger, porém, continuará sua luta pela participação do estudante nos problemas da vida que o rodeiam.

estremecido zelo por parte dos educadores. Daí o valor da mestra. A ela compete a árdua missão de iniciar a infância na instrução e acender nas almas em flor o amor pelo estudo, e lançando a semente do futuro cidadão consciente e útil para a Pátria comum». E para que isto seja uma realidade, Maria promete: «Para estas batalhadoras do ensino no Paraná a nossa primeira e maior atenção. Porque entendemos que se ao magistério do nosso Estado for proporcionada a assistência devida, satisfeitas as suas justas reivindicações e ouvidas as suas idéias e planos; se a esta laboriosa e idealista classe forem propiciadas melhores condições para a realização de seu dignificante trabalho, o Paraná terá um sistema educacional dos mais florescentes, capaz de formar uma geração unida, forte e livre».

Maria acredita na sua eleição para a Assembléia paranaense. Vivenda em Maringá desde 1953 onde aos 7 anos chegou com a família, tornou-se, nos últimos anos, personalidade de destaque naquela cidade do Norte, graças à sua atuação em atividades extra-escolares. Durante três anos consecutivos dirigiu a Juventude Estudantil Católica da diocese daquela cidade. Eficiente e dinâmica na administração da entidade, destacou-se, principalmente, pelas atitudes corajosas quando defendia seus pontos de vista. Sua brilhante atuação na JEC, fez com que os estudantes secundários de Maringá a elegessem presidente da União Maringãense dos Estudantes Secundários. As campanhas que liderou nesse posto fizeram-na conhecida pelo estudantado da região como líder estudantil de grande combatividade. Por esse motivo foi incluída, na época, entre as doze personalidades mais destacadas de Maringá, tendo representado, posteriormente, várias entidades desportivas e culturais daquela cidade em conclaves e reuniões estaduais. Ao surgir a hipótese de sua candidatura à Assembléia Legislativa foi surpreendida com o apoio imediato de Aliança Feminina de Educação Superior, entidade que a indicou oficialmente,

à Convenção estadual da ARENA. Em menos de um mês o livro de adesões à sua campanha recebeu mais de dez mil assinaturas, um dos fortes motivos para a sua indicação oficial pelo partido governista. Essa vivência nas lides políticas estudantis fez com que Maria Homi definisse sua posição face à atividade estudantil fora dos bancos escolares. «Somos pela participação ativa do estudante universitário no sistema educacional superior, enriquecendo-o com as experiências de sua vivência estudantil efetiva» — afirma Maria, explicando: «Não mais uma maioria inerte, desinteressada e omissa mas, uma classe inteira de estudantes universitários a liderar um movimento cívico da juventude paranaense no sentido da tomada de consciência das graves responsabilidades que decorrem da nossa qualidade de cidadãos».

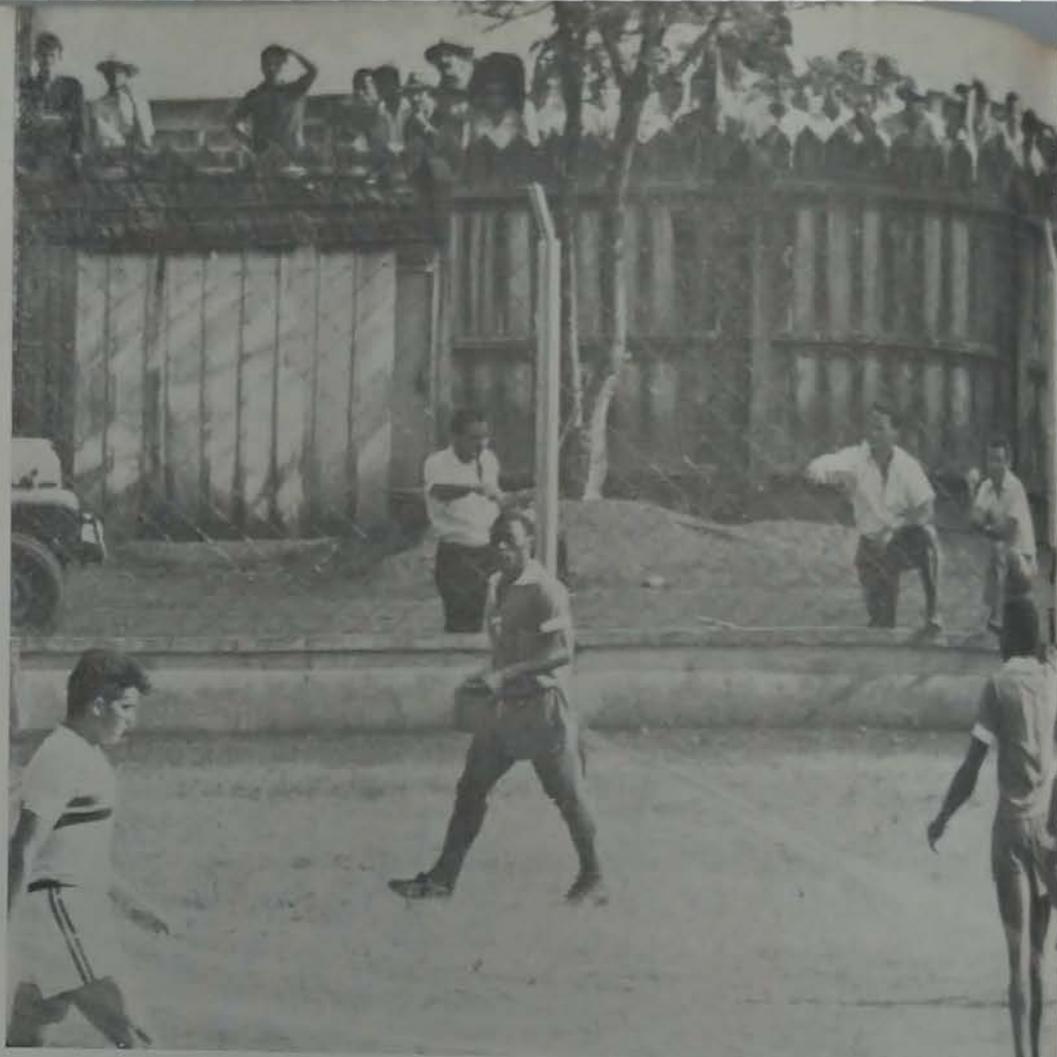
Postulando um diálogo franco com o Governo, Maria afirma que o estudante do Paraná tem agora a oportunidade de demonstrar ao Brasil que em nosso Estado «vicejam os ideais democráticos mais puros e medram as mais amplas liberdades de pensamento e opinião conquistadas por um estudantado que prima por uma verdadeira vivência universitária».

Sobre a sua indicação pela ARENA para disputar uma cadeira à Assembléia nas próximas eleições do dia 15 de novembro, disse Maria: «Foi um voto de confiança aos estudantes do Estado, ao qual é preciso corresponder com o máximo de nossa franqueza e sinceridade de propósitos, um trabalho intenso e uma grande dedicação». A nós, estudantes, cabe levar, na vanguarda, a bandeira da juventude paranaense. A nós, estudantes, cabe zelar pelos direitos e responsabilidades de toda uma geração de jovens, maioria num Estado novo como o Paraná, levando-lhe a nossa orientação e os esclarecimentos necessários a uma consciente vivência cívica. Assim, tornar-nos-emos, realmente, não apenas a esperança do Paraná de amanhã, mas, a certeza do Paraná de hoje».





Os da árvore, ao contrário do que aparentam, jamais estiveram por fora em matéria de futebol. É uma das raras diversões em que o povo encontra um jeito de vencer o muro da carestia. Em Apucarana é assim.



Vale como um documento: das cinquenta e três pessoas que presenciam o jogo, apenas o trio se encontra no interior do Estádio e é bem possível que algum deles tenha carteirinha da Federação. Mas o torcedor lá de fora é exigente, reivindicava e participa. E aí no flagrante tem-se a impressão que Gijo (camisa n° 11 do Arapongá) parece queixar-se contra os apupos de um gaiato de cima do muro.

Há várias maneiras de vê-lo futebol. Mas em qualquer ponto do Estado o povo, fangido pela alta do custo de vida, encontra dificuldades quase intransponíveis para buscar a válvula de escape emocional nos estádios. No sul os ingressos custam Cr\$ 2 mil e no norte Cr\$ 3 mil. O remédio, com os orçamentos estourados, é improvisar mil maneiras de não perder os jogos do campeonato. Cêrcas, caminhões postados atrás dos muros, árvores altas e o parque de manobras ferroviárias atrás do Durival de Brito recebem freqüentemente grandes massas de torcedores. Não é raro haver mais gente fora do que dentro do campo, o que constitui um documentário da grave situação que afeta o esporte. E também é bastante comum esse tipo de torcedor, que não paga ingresso, encontrar melhores comodidades fora do que no interior da praça de esportes com a vantagem de estar paralelamente exercitando suas ha-

bilidades de alpinista, de acrobata e Tarzan.

Financeiramente o futebol vai mal, pois a crise que afeta a economia do país o alcança como um dos primeiros «cortes» para as classes menos favorecidas. Assim mesmo há perspectivas de que o campeonato estadual vença gradativamente tais dificuldades, pois o mesmo se deu em São Paulo e hoje lá ninguém pensa em mudar as regras do jogo. Aqui alguns dirigentes ensaiaram movimento contra o estadual, mas foram rechaçados e com um argumento novo na vida do esporte: a necessidade de integrar o Paraná como um todo em qualquer ramo de atividade para suplementar o esforço do governo.

Até outubro os grandes nas rendas eram Ferroviário (53,7 milhões), Coritiba (45,3 milhões), Atlético (40 milhões), Londrina (39,6 milhões), Grêmio (32,9 milhões) e União (28,3 milhões).

O
TORCEDOR
REGRA
TRÊS

LUIZ G. MAZZA



Enquanto uns fazem artes de Tarzan para não perder o futebol, outros apelam para as técnicas do Zorro. Tiram uma onda de cavaleiro, de gaúcho deslocado em Curitiba, e ficam na sua sela cativa, enquanto o cavalo está de olho no rico pasto à sua frente. O fato se deu no Belfort Duarte.

Os jovens predominam nas cercas mais perigosas, mas também há muito "corôa" na legião dos torcedores regra 3. Com o tempo se habitua e trepa no muro mesmo quando o portão foi aberto.
(Fotos de Edison Jansen)

— Ei pessoal o vagão vai andar...

Quantas vezes aquela massa de torcedores que não pode entrar nos estádios ouviu a advertência e se viu obrigada a deixar o seu lugarzinho cômodo em cima de um dos vagões situados atrás do estádio do Ferroviário. Os mais habituados — e temerosos de perderem o seu lugar — lá permaneciam, revelando extraordinária calma e um equilíbrio digno de trapezistas. Mesmo à razoável distância do campo, a visão crítica e a disposição para vibrar desse torcedor é igual a dos que se acham lá dentro.

Em cada estádio o torcedor regra três possui uma técnica para superar a impossibilidade de pagar o ingresso. Trepar em árvores, escalar muros, equilibrar-se na carroceria de caminhões ou em vagões ter-

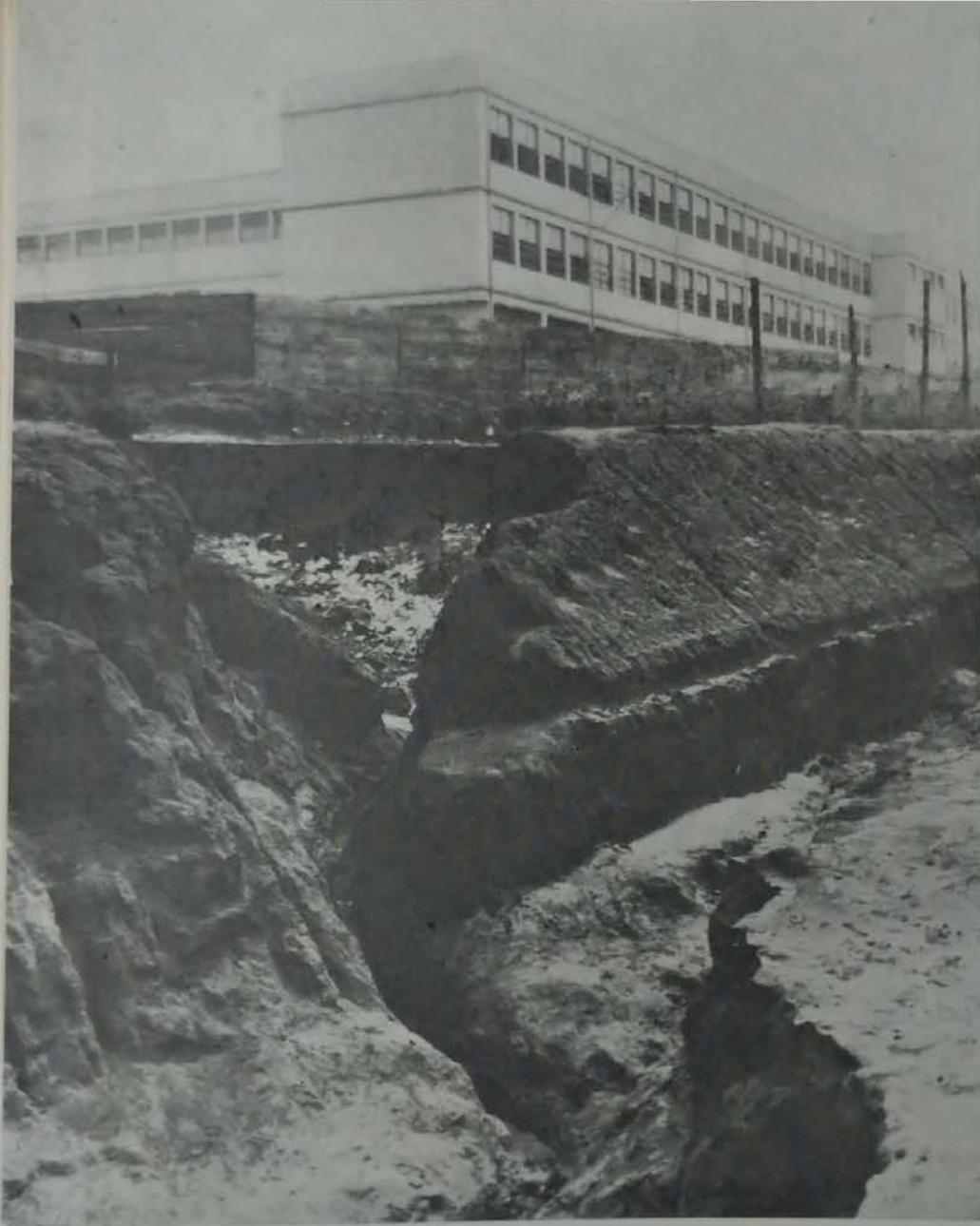
roviários — as modalidades são as mais variadas.

Ele sabe — embora não possa explicar bem — que tem direito ao espetáculo, pois o seu time está jogando e procura exercer a sua participação da maneira mais intensa, dizendo os seus palavrões, xingando o juiz e, quando isso é possível, atirando a sua casca de laranja no bandeirinha medroso ou no jogador cavalo. Não atira a laranja inteira porque aí a emoção acaba surtando a sua consciência e insultando a sua pobreza.

Não admite que seja um intruso e nem que o futebol seja um privilégio, daí porque a sua luta saborosa, que executa sem ressentimento e com otimismo, lembra tanto aquelas batalhas da Idade Média contra fortificações, tal a obstinação com

que avança e o destemor com que olha para baixo dando de ombros ao fosso. É claro que há uma categoria de torcedor regra três bastante falsa. A dos que presenciam o jogo com possantes lunetas e binóculos de lugares próximos aos estádios. Esses são positivamente falsos e o equipamento é muito mais adequado para vêr mulher trocando roupa em apartamento ou tomando banho de sol. São raros e perigosos. Pode ser que um deles tenha assassinado o presidente Kennedy.

A aventura do torcedor regra três sempre se renova e ele retorna à casa de alma leve e às vezes até sorridente porque descobre que a necessidade o obriga a manter-se jovem. Mais jovem do que pobre. É capaz de construir pouco a pouco o seu destino, escalando o muro da adversidade.



A erosão é uma ameaça a todos e a tudo. Este edifício público (ginásio de Paranavaí) teria suas fundações abaladas pela enorme fenda caso não fossem tomadas providências imediatas. A rua é a Avenida do Café onde estão sendo aplicados cerca de um bilhão de cruzeiros para combater a erosão.

O problema vem sendo debatido desde longa data. Já em 1929, em conferência pronunciada no Instituto Geográfico da Universidade de Berlim, o professor Reinhard Maak já denunciava a derrubada das florestas protetoras das faixas do arenito Caiuá, principalmente as localizadas na bacia do baixo Ivaí, espraiando-se até as margens dos rios Paranapanema e Paraná, como um crime contra o futuro do Paraná e do Brasil. A partir daí todos os estudiosos da agricultura e, em especial, dos solos paranaenses têm repisado na mesma tecla: o avanço desordenado e sem controle da onda pioneira de colonização nas áreas arenosas, sujeitas à ação violenta da erosão, provocará, rapidamente, comprometedores problemas de conservação de solos, de conseqüências imprevisíveis. E assim aconteceu. A ocupação da região Noroeste do Estado, ao mesmo tempo que repetiu a epopéia colonizadora do Norte cafeeiro, com o surgimento de cidades que se constituíram em florescentes centros de civilização, criou, tanto para as classes produtoras da região como para os poderes públicos de todos os níveis — municipal, estadual e federal, — problemas de difícil solução.

Reportagem de
MILTON CAVALCANTI

COMO ATACAR O INIMIGO SILENCIOSO

PANORAMA SOMBRIO

Basta citar alguns documentos de autoria de pessoas e entidades que estudaram a economia paranaense para darmos uma idéia da magnitude do problema. O professor Maak dizia textualmente, referindo-se ao avanço da colonização na década de 30: «Considerando a zona mais para o oeste de Campo Mourão e ao sul do caminho de Pôrto São José — Fazenda Ivaí — lá achamos apenas solo de decomposição arenoso e estéril do arenito de Caiuá». A seguir desaconselha a derrubada das

matas protetoras da região. Se bem que os argumentos usados pelo emérito professor possam hoje parecer de significação econômica fora da atualidade, os fundamentos de sua denúncia permanecem válidos. Haja vista os pronunciamentos que no mesmo sentido têm sido feitos em épocas mais recentes. Assim, já na década de 40 os documentos do Instituto de Biologia e Pesquisas tecnológicas repetiam essas previsões pessimistas com estudos que, entre outros argumentos afirmavam: « A la-

SEGUE

A foto é de 1963. É uma rua de Paranavaí atravessando um dos bairros da cidade. Dispensa comentários.



DOCUMENTOS RECENTES

vagem superficial do solo pelas chuvas e a erosão são os principais agentes do depauperamento do solo pela perda das camadas minerais e orgânicas que precisaram séculos para se formar e acumular. Os solos arenosos do arenito Caiuá são os que sofrem mais estas conseqüências; por isso devem ser mínimas as derrubadas. Os lucros atuais que estas terras arenosas dão ao Paraná através da agricultura serão irrisórios em comparação com os prejuízos que a erosão pluvial e eólica trará num futuro próximo».

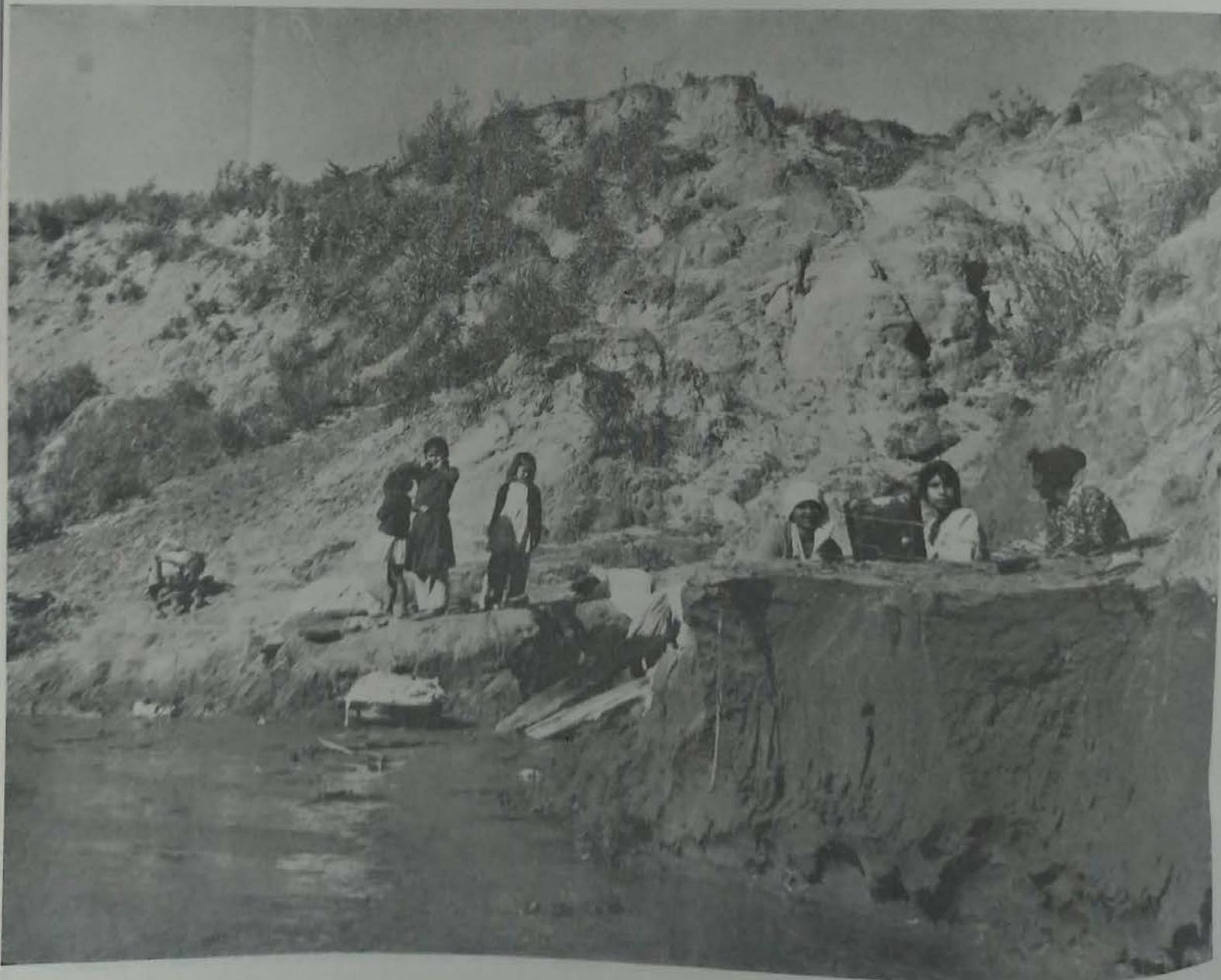
O rio é provisório. Passada a enxurrada fica a valeta no lugar da rua ou da estrada.

Já no fim da década de 50, estudos realizados pelo PLADEP — Comissão de Coordenação do Plano de Desenvolvimento do Estado — sob a direção de Alípio Aires de Carvalho, e publicado no início de 1960, afirmava, ao tratar da planificação da agricultura paranaense: «Observe-se ainda, uma das linhas do esforço pioneiro se desenvolve sobre uma área de fertilidade fictícia, representada pelo arenito Caiuá, no qual os problemas de erosão e de conservação de solos são altamente significativos e comprometedores. Desta maneira, o crescimento tumultuado da área cultivada no Estado do Paraná, quase todo é representado pela devastação florestal, encerra em seu bôjo previsões sombrias e de conseqüências imprevisíveis». E o

mesmo documento, transcrevendo estudo do IBPT, classifica de pobres, na última categoria dos solos paranaenses, as áreas do arenito Caiuá do terceiro planalto. E entre as recomendações para atender às necessidades de preservação desses solos o estudo registra: «Não desmatar».

UM ESTUDO DA CIBPU

Em 1961, a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí — CIBPU, intitulado «Problemas de Desenvolvimento — Necessidades e possibilidades dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná», apresentava um panorama completo do



nosso Estado sob os aspectos econômico e social, analisando detalhadamente as regiões com características homogêneas. Referindo-se à zona arenítica de Paranavaí, diz o estudo: «Diagnóstico geral: Zona que entra para o rol das mono-produtoras de café com sérios riscos: facilidade de erosão do solo e terra pobre. Oxalá não seja uma zona velha e desgastada daqui a dez anos». Sobre a Zona Pioneira do Arenito Caiuá — vale do Ivaí —, diz o documento: «Solos areníticos facilmente trabalhados pela erosão. Diagnóstico geral: Desenvolvimento anárquico que recai em todos os erros já cometidos pelos plantadores de café em São Paulo e nas zonas mais antigas do norte do Paraná».

A SITUAÇÃO ATUAL

A despeito de tôdas as advertências as regiões de solo arenoso facilmente sujeitos à erosão foram ocupadas pelos colonizadores, as florestas protetoras foram derrubadas, as cidades foram sendo construídas, tudo isto sem que uma legislação adequada prevenisse as conseqüências catastróficas da desmatação predatória, vício histórico da atividade agrícola brasileira. De Paranavaí e Nova Esperança a Umuarama e Cruzeiro do Oeste, toda a faixa de terra compreendida entre as duas margens do rio Ivaí e as margens paranaenses dos rios Paraná e Paranapanema constituiu-se na maior região-problema do Estado. Nas áreas rurais o inimigo silencioso vai aos poucos enfraquecendo os solos, retirando-lhe os elementos minerais e matéria orgânica persistentemente armazenados pela natureza em milhares de anos. O solo, de natureza tão delicada como a de qualquer organismo vivo, vai morrendo aos poucos. As condições essenciais à vida, não somente a vegetal como a animal e a humana vão se tornando dia a dia mais hostis. Os lençóis subterrâneos de água, fontes onde as comunidades em formação vão buscar o abastecimento indispensável para as populações, vão desaparecendo gradativamente, à medida que as últimas áreas cobertas de matas escassas são devastadas. O exemplo de Londrina, onde a produção das fontes e poços foram reduzidas, em cinco anos, em mais de 80 por cento, é uma advertência trágica para o futuro.



A prevenção contra a erosão custa bilhões de cruzeiros. No trecho da Rodovia do Café que atravessa a cidade de Paranavaí as obras para drenagem de águas pluviais é um dos aspectos mais importantes.

O DRAMA DAS CIDADES

Os efeitos da erosão urbana são mais visíveis. Foi o drama das cidades erodidas que chamou a atenção dos poderes públicos para o problema. Os apêlos e protestos das populações e dos administradores das sedes municipais praticamente arrasadas, na maioria dos municípios da região sujeita ao fenômeno, provocou as primeiras intervenções do poder público estadual e as primeiras medidas legislativas para conter o flagelo. Houve época, no início da presente década, em que verdadeira psicose dominava os administradores municipais aterrorizados com o problema. Em qualquer conversa sobre as necessidades de seu municí-

pio, em tôdas as reuniões para tratar de assuntos da administração municipal, conhecia-se de pronto um prefeito da região Noroeste do Paraná: só falava em erosão. Tivemos a oportunidade de assistir à primeira reunião de prefeitos da região Norte do Paraná realizada em Maringá, em fevereiro de 1961. Dela participaram vários prefeitos do Norte Noroeste, região compreendida a oeste de Nova Esperança e Paranavaí. Uma das maiores reivindicações, que mereceu teses e debates prolongados, foi a elaboração de planos com ajuda de órgãos estaduais e federais para o combate sistemático e efetivo à erosão.



O consumo de tubos de cimento é um ônus para os orçamentos municipais.
A foto é da cidade de Monte Castelo.

O ESFÔRÇO MUNICIPAL

Inúmeros são os municípios atingidos pela erosão onde as prefeituras despendem a maior parte do orçamento municipal tentando combater e diminuir os efeitos do flagelo. A exiguidade de recursos, porém, agravada por outras deficiências como a falta de conhecimentos técnicos mais aprofundados ou, mais grave ainda, a preocupação de realizar somente obras que apareçam aos olhos dos eleitores do município, têm levado esses planos a fracassos totais quando não a agravar mais ainda o problema. Um caso típico é o de administrações municipais que se lançam à pavimentação de ruas, construção de meios-fios e outras obras visíveis antes de atacarem as obras básicas

de drenagem e canalização das águas pluviais porque estas últimas, quando concluídas, desaparecem, enterradas sob o solo. Em entrevista recentemente concedida a este repórter, Marciano Baraniuk, atual prefeito de Umaramã afirmava que na sua gestão a construção de galerias pluviais teriam prioridade sobre qualquer outro serviço de melhoramento da cidade, «para evitar o que já ocorreu aqui mesmo, em Umaramã, onde 50 por cento dos meios-fios colocados nas ruas, em administrações anteriores, foram destruídos pela erosão em virtude da ausência de obras preventivas». O exemplo é comum. Felizmente uma nova mentalidade parece estar se

desenvolvendo entre os líderes municipais graças, principalmente, à divulgação que o problema tem merecido. A maioria dos habitantes das cidades atingidas pela erosão já está esclarecida a respeito dessas obras de fachada. Os que não conhecem diretamente as consequências dessa maneira demagógica de administrar, através de exemplos em suas próprias cidades, já têm noção da maneira correta de corrigir em parte os efeitos da erosão, seja pelas notícias do que se passa em municípios vizinhos, seja pela leitura dos planos e programas governamentais atualmente em andamento para o combate ao flagelo.

A AÇÃO DO ESTADO

Nos últimos anos a Secretaria de Viação, através da Divisão de Obras Especiais do DEOE, tem procurado atuar de maneira mais ordenada e eficiente no combate à erosão. A principal medida adotada é a do controle direto das obras, com aplicação de planos tecnicamente elaborados e executados. Evita-se, des-

se modo, o desperdício de verbas destinadas ao combate do flagelo, fato que ocorria sistematicamente quando o Estado apenas encaminhava verbas para as prefeituras, a título de auxílios para combate à erosão. Cita-se o caso de várias prefeituras que com as verbas destinadas para esse fim construíam obras

inteiramente diversas, raramente por má fé dos administradores mas, quase sempre, por acreditarem na inutilidade das pequenas medidas que poderiam ser tomadas com tais verbas, pulverizadas pela distribuição desordenada e sem planejamento global.

UM PLANO EFICIENTE

O plano recentemente elaborado pela Divisão de Obras Especiais do DEOE prevê o ataque global ao problema da erosão: desde a realização direta de obras e a assistência técnica e financeira às prefeituras até a elaboração de legislação própria calcada em postulados técnicos que impeça os loteamentos urbanos realizados sem técnica e sem previsão nas áreas sujeitas ao fenômeno. Em viagem recente a Paranavaí a reportagem de NP encontrou o engenheiro Hélio Martins Guimarães, diretor daquela Divisão do Departamento de Edificações e Obras Especiais, um dos maiores conhecedores do problema, pois há mais de 10 anos vem se dedicando ao combate e prevenção da erosão. Disse aquele técnico: «Pela primeira vez no Paraná temos a oportunidade de desencadear uma campanha global, com coordenação centralizada, capaz de em curto prazo provocar a diminuição dos efeitos devastadores da erosão urbana nas áreas mais atingidas. Com esse objetivo foram criados três grupos de combate à erosão com sedes respectivamente em Paranavaí, Cruzeiro do Oeste e Arapongas. Estamos em Paranavaí exatamente para instalar o primeiro

desses postos que atenderá a 34 municípios da região».

COMBATE GLOBAL

Explicou ainda o engenheiro Hélio Guimarães que estas unidades são completas, devendo possuir fábrica de tubos, escritório técnico para elaboração de projetos e equipamento para atender a qualquer serviço que se faça necessário. O equipamento base consta da pá carregadeira, vateleadeira, caminhões basculantes, caminhões transporte, e máquinas e materiais para atendimento aos municípios. Estarão equipados além disso com sondas perfuratrizes para poços artesianos, podendo atender aos pequenos municípios e povoados na solução dos problemas de abastecimento de água. Os postos trabalharão como ponto de apoio para os prefeitos, principalmente os dos municípios pequenos que, além de não disporem de recursos não têm, em geral, conhecimento do que necessita ser feito para combater tecnicamente a erosão. As equipes responsáveis pelos postos trabalharão em sistema volante, deslocando-se com todos os equipamentos móveis para o município onde determinada obra de combate à erosão vai ser realizada.

FUNÇÃO EDUCATIVA

As equipes desempenharão, ainda, importante função educativa. Periódicamente serão realizadas reuniões com as autoridades locais e as da Capital para debater e explicar os problemas, à medida que estes vão surgindo. O plano prevê, além disso, o combate preventivo à erosão. Será encaminhada em breve à Assembléia Legislativa mensagem pedindo a aprovação de lei estabelecendo a obrigatoriedade de audiência dos técnicos dos núcleos de combate à erosão, na planificação de todos os loteamentos urbanos nos municípios sob sua influência. A medida visa evitar a repetição dos graves problemas criados com loteamentos feitos sem técnica e sem previsão. A verba total para a instalação dos três núcleos é de um bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros do Estado, seiscentos milhões do Departamento Nacional de Obras de Saneamento — DNOS e cento e oitenta milhões da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai — CIBPU. Até dezembro do corrente ano serão utilizados cerca de 600 milhões (a partir de setembro), devendo o restante do orçamento ser aplicado no próximo ano. Já foram instalados e estão em fase de construção as fábricas de tubos dos núcleos de Paranavaí e Cruzeiro do Oeste, devendo o de Arapongas ser iniciado brevemente.

Fábrica de tubos do 14º distrito do DER, no noroeste do Estado. Fábricas semelhantes estão sendo construídas nos núcleos de combate à erosão, em Paranavaí, Cruzeiro do Oeste e Arapongas



NORTE NÔVO EM TEMPO DE BALLET



Uma família tangida pela deusa Terpsícore: Maria Isabel Del'Agnello e suas duas irmãs Márcia e Gizele.

O ballet é uma arte de síntese. Nela se encontram a música, a dança, a poesia, a escultura, a pintura, o teatro e a ópera. Daí a importância de fazer dele uma atividade necessária à boa formação da juventude que o pratica e do público que o aprecia. Não é difícil verificar numa composição de movimentos coreográficos alguma semelhança com esculturas clássicas. Da mesma maneira nele se identifica muito de contribuição literária nos argumentos dessas maravilhosas criações sem palavras.

A experiência de Maringá deve levar outros municípios a uma saudável emulação e os órgãos culturais do Estado desde já estão obrigados a estimular e a ampliar as perspectivas do hinterland nesse setor.



As meninas-moças Ingrid, Eva Gulyas, Sônia Maria da Silva, Maria Isabel Del'Agnello, Maria Elisa Kirchner, Rosemarie Hannemann, Sandra Pasquinelli e como solista a professora Roseli em "Contos dos Bosques de Viena", Embaixio, Aurora Coutinho e Lígia Iague em "Barcarola" e Sônia Maria da Silva e Jusselei Wichtoff em "Dunúbio Azul".

Quando a professora Roseli Maidl se deslocou de Rio Negro para Maringá, atraída pelo progresso e dinamismo da cidade-canção, poucos acreditavam que em tão pouco tempo atraísse tantos interessados para frequentar a sua Escola de Ballet Clássico e Espanhol. E para surpresa de todos, pois instalara o curso a 7 de março do corrente, já a 7 de outubro, levava o 1º Festival de Ballet Clássico e Espanhol no Cine Horizonte.

Alguém, para elogiá-la, afirmou depois da apresentação que ela fizera um milagre simples como o do seu próprio ballet que enche o espaço vazio de coisas delicadas, de simbolismos e também de paixões, numa alusão à sua correta e inspirada criação de «A Morte do Cisne».

Roseli agradeceu, mas fez uma declaração surpreendente:

— A verdade é que encontrei meninas com forte vocação para o ballet clássico e para outras manifestações de coreografia moderna. E espero com o tempo revelar esses valores a todo o Paraná e ao país. Sei que o curso é um excelente complemento de formação cultural, mas ele pode ir além desse objetivo e revelar bailarinas autênticas. E criar em Maringá um ambiente ajustado a tais manifestações com a apresentação de corpos de baile existentes nos grandes centros e com a projeção de filmes especializados.

O fato é que o ballet conquistou Maringá e as 76 alunas da professora Roseli tem revelado um extraordinário aproveitamento em seu aprendizado. Isso entusiasmou a sociedade que se mostra cada vez mais empolgada com esse tipo de formação para a sua juventude.





Beatriz Egoroff, seguida de Maria Emilia P. Mendonça em "Ballet das Meninas" e Lígia Beatriz Schmitt (primeiro plano) em "Serenade". Na seqüência maior, em cima "Os Coelhoinhos" com Débora Kasprovicz e Liliane Menon em primeiro plano seguidas de Adriano Cantadore, Lenize Cássia Bitescourt e Regina Célia Plepis. À direita, em "Vozes da Primavera", Denize Coutinho Bandeira, Terezinha Ieda Inês da Silva, Maria Cristina de Paolis, Mdreia Wittee, Maria Luiza Dutra, Regina Celis S. Paes e Regina Beatriz Gaisler (solista). Embaixo, novamente "Os Coelhoinhos" com Tais Gonçalves de Moura lembrando, com suas companheiras, um conto à moda de Disney. À direita, Nara Menon e Maria Emilia P. Mendonça em "O Ballet das Meninas".



Jussara Wichtoff, ajoelhada, lembrada pelas bailarinas Mariliza da Silva e Vera Ferreira Lopes em "Serenade".

Da esquerda para a direita a seqüência mostra: Iucema Rodrigues Pimentel interpretando "Andalucia"; Ingrid Eva Guayas e Carmen Lúcia de Souza em "Viva Cadiz"; Cristiana Loureiro da Costa e Amanda Rodrigues Alves em "Bulerias Populares", belo número espanhol; Tereza Cristina Silva Fernandes seguida por Virginia Pasquinelli no ballet espanhol regional "Por Tierras Galegas".





Lígia Egoroff apareceu com muita vivacidade em "Danúbio Azul".



Vera e Sônia Ferreira Lopes (à esquerda) revivendo a composição de Toselle "Serenade". À direita a garotinha Rosemary Palma Assumpção interpreta "A Galinha e seus Pintinhos".



À esquerda, as bailarinas Rita de Cássia Plépis (sentada) e Lélia Barbosa Fontes interpretando "Barcarole". À direita, Eloisa Saenz Surita e Sônia Soni em "Ballet das Meninas".

O TRANSPORTE MAIS RÁPIDO
ENTRE SÃO PAULO E
NORTE DO PARANÁ

ENCOMENDAS ENTREGUES EM
24 HORAS

TARIFAS BAIXAS E RIGOROSA
OBSERVÂNCIA DOS HORÁRIOS

DIARIAMENTE

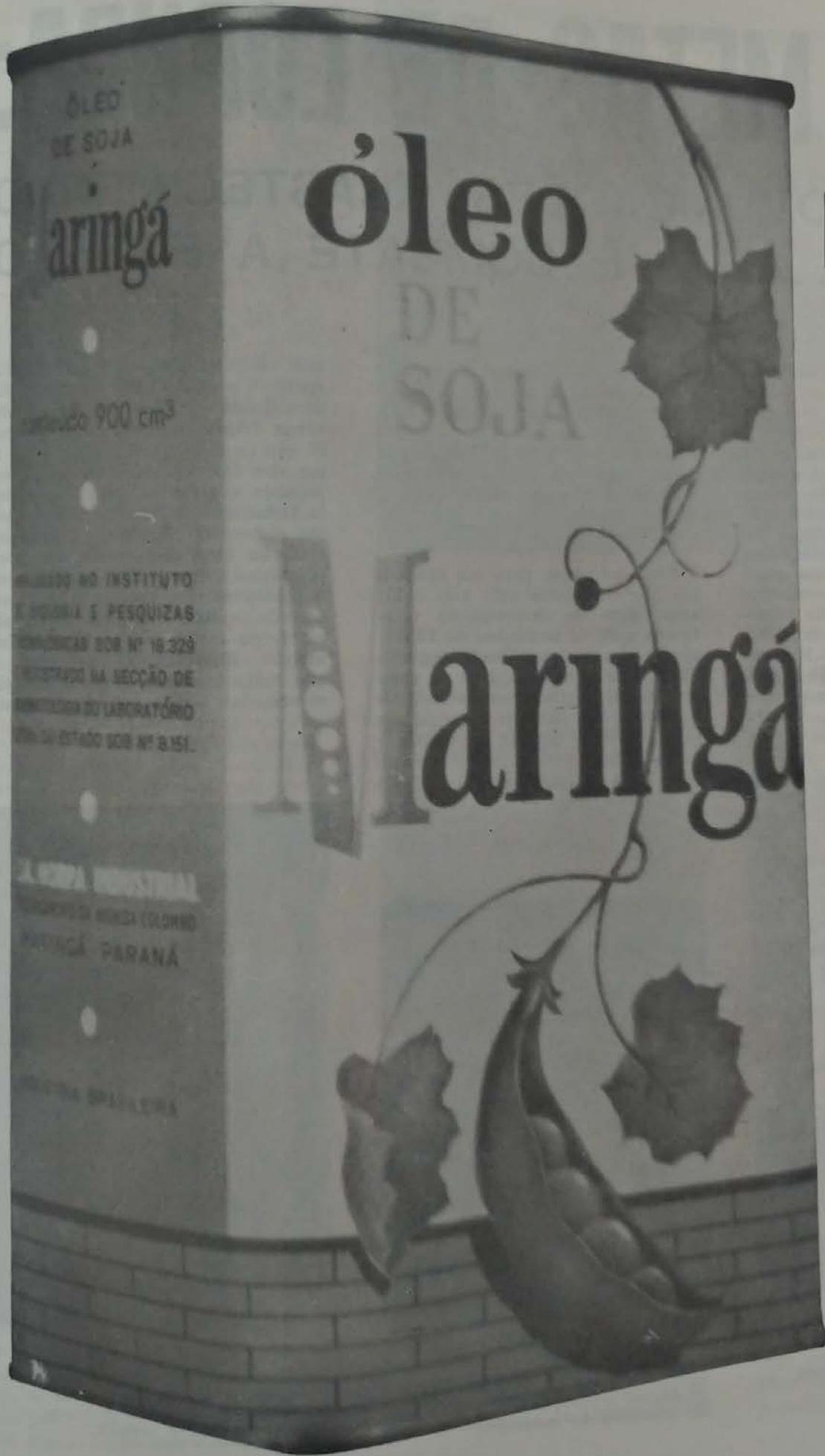
DE SÃO PAULO PARA
OURINHOS — CAMBARÁ — ANDIRA — BAN-
DEIRANTES — SANTA MARIANA — CORNÉ-
LIO PROCÓPIO — LONDRINA — CAMBÉ —
ROLÂNDIA — ARAPONGAS — APUCARANA
— JANDAIA DO SUL — MANDAGUARI —
MARIALVA — MARINGÁ E VICE-VERSA

EMPRESA TRANSPORTADORA

ANDRADE LIMITADA

SÍMBOLO DE GARANTIA,
PONTUALIDADE E RAPIDEZ

ESCRITÓRIO CENTRAL:
RUA HENRIQUE DIAS N° 67
FONES: 93-6297 — 63-9894 — 63-2433
SÃO PAULO — CAPITAL



Óleo DE SOJA

Maringá

Óleo DE SOJA

Capacidade 900 cm³

ANALISADO NO INSTITUTO DE QUÍMICA E PESQUISAS TECNOLÓGICAS SOB Nº 18.329 REGISTRADO NA SEÇÃO DE HIGIENE DO LABORATÓRIO DE ESTADOS SOB Nº 8.151.

CIA. NORPA INDUSTRIAL
RUA PRATA Nº 1000
MARINGÁ - PARANÁ

DEPTO. DE QUÍMICA

**PURO
NUTRITIVO**

**RENDE
MUITO
MAIS**

Maringá

Um produto da
**CIA. NORPA
INDUSTRIAL**
Prolongamento da av. Colombo
MARINGÁ

TRÊS METAS DE LOANDA:

COMUNICAÇÕES, ABASTECIMENTO DE ÁGUA E COMBATE À EROSÃO

Comunicações, abastecimento de água e combate à erosão — o inimigo silencioso —, são as três metas essenciais da prefeitura de Loanda, município que se destaca na região Noroeste do Paraná graças ao surto extraordinário de desenvolvimento econômico evidenciado nos últimos anos. A evolução da receita municipal no quinquênio 1962-66 é o testemunho desse crescimento econômico surpreendente. Assim, de uma arrecadação municipal de Cr\$ 19.717.074 em 1962 passando por Cr\$ 42.074.107 em 63, Cr\$ 101.337.034 em 64 e Cr\$ 214.569.228 em 65 Loanda vê che-

gar o fim de 1966 com a previsão de ultrapassar a casa dos Cr\$... 300.000.000 (já arrecadou Cr\$... 180.000.000 até setembro, devendo atingir o dôbro até o fim do ano se fôr seguida a mesma ordem de crescimento do ano passado).

ORGULHO JUSTIFICADO

Esses números, para um município que comemora este ano o 11º aniversário de emancipação (efetivada a 27 de novembro de 1955), são motivo de justificado orgulho para a sua população, hoje na casa dos 10 mil habitantes na sede e 18

mil no município (10.700 eleitores). A produção agropecuária diversificada — algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho e café são os principais produtos — é um dos fatores importantes dessa pujança econômica, não tanto pela tributação direta desses produtos como pelo resultado que essas culturas têm propiciado aos proprietários rurais de Loanda, permitindo-lhes um poder aquisitivo elevado que se reflete principalmente no comércio da sede do município. E' este, precisamente, o que mais contribui para o crescimento das rendas municipais de



O quinto poço artesiano da CODEL foi inaugurado no mês de setembro passado. Com 24.000 litros/hora de produção assegurou o atendimento às necessidades da população de Loanda.



A estrada em construção pela prefeitura — 20 km — ligará a sede municipal à Rodovia do Café, resolvendo um sério problema: o escoamento mais fácil da produção do município.



A produção da fábrica de tubos, recentemente inaugurada pela prefeitura de Loanda, atenderá às necessidades das obras previstas para o combate à erosão.

A erosão é um dos problemas mais graves a serem resolvidos em Loanda. Para a sua solução a prefeitura vem despendendo grande parte de seu orçamento para obras públicas.



ano para ano, situando o município entre os que mais se desenvolvem em todo o Paraná.

PROBLEMAS

O crescimento econômico de um município jovem como o de Loanda cria, por outro lado, problemas sérios para a administração municipal. Sobretudo quando se trata de um município localizado no centro da região sujeita ao fenômeno da erosão. O "inimigo silencioso" que sorrateiramente vai desgastando as terras da lavoura e abrindo valas e boqueirões nas estradas e vias públicas das cidades exige uma permanente vigília das autoridades municipais, estaduais e até federais, nas providências que visam ao seu combate.

TUBOS PARA O COMBATE

A municipalidade de Loanda tem no combate à erosão uma de suas principais metas administrativas. Recentemente o prefeito Francisco de Assiz Pinheiro inaugurou a fábrica de tubos da Prefeitura, com capacidade para produzir 40 tubos diários com 40,60 e 80 cm de diâmetro. Essa produção é suficiente para atender às necessidades atuais das obras de combate à erosão, de responsabilidade da administração municipal. Essa iniciativa da prefeitura se integra ao esforço desenvolvido pela atual administração do Estado no sentido de atacar de maneira coordenada, em tôdas as regiões do Paraná sujeitas ao flagelo, obras básicas de combate à erosão. Assim, estão sendo instaladas fábricas de tubos em Paranavaí, Cruzeiro do Oeste e Arapongas nos núcleos de combate à erosão que o Departamento de Edifi-

cações e Obras Especiais da Secretaria da Viação localizou naquelas cidades. Vê-se pelo exemplo da administração estadual que a medida é essencial para a efetivação de qualquer plano sistemático de combate ao flagelo.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O problema de abastecimento de água das cidades interioranas, principalmente as das regiões pioneiras como é o caso do Norte Novíssimo, é dos mais graves. Poucas cidades paranaenses podem ostentar a situação de Loanda nesse particular. A criação da CODEL — Companhia do Desenvolvimento de Loanda —, pela prefeitura de Loanda mediante lei municipal aprovada em dezembro de 1964, foi o passo inicial para a solução do problema de abastecimento de água potável na sede do município. Essa empresa municipal de economia mista com 80 por cento do capital constituído pelo Fundo Municipal de Saneamento (180 milhões de cruzeiros já integralizados pela Prefeitura) e 20 por cento por particulares, já investiu mais de 300 milhões de cruzeiros (preços inflacionados) em obras para dotar a cidade de Loanda de um dos sistemas de abastecimento

de água potável mais bem estruturados do interior do Paraná. Com cinco poços artesianos em funcionamento, produzindo 84.000 litros/hora (cêrca de 2.100.000 litros/dia) de água potável da melhor qualidade a CODEL atende perfeitamente às necessidades atuais da cidade, estimadas em 1.800.000 litros/dia. Brevemente será iniciada a perfuração de mais um poço artesiano, a ser equipado com bomba de eixo prolongado e que produzirá mais 30 a 40 mil litros/hora, permitindo o abastecimento futuro e a ampliação das ligações atualmente da ordem de 1.500 usuários.

COMUNICAÇÕES

Para atender à necessidade de melhor acesso ao município a prefeitura de Loanda está ultimando a construção de uma estrada de 20 km ligando a sede do Município à Rodovia do Café. Trata-se de obra de alto significado econômico porquanto vai permitir o fácil escoamento da produção agrícola do município, através daquela via asfaltada, para os centros mais próximos de Paranavaí, Maringá, Londrina e cidades vizinhas, como também para o Pôrto de Paranaguá e para São Paulo (através da BR-87 a partir de Apucarana).

O VETO DO VOTO

Quando os primeiros resultados das urnas começaram a surgir, os 167 homens que se apresentaram ao eleitorado paranaense para disputar cargos de senador, deputado federal e deputado estadual, começarão, muitos deles, a descobrir que nem sempre o compromisso selado, o abraço forte e os cumprimentos antecipados significam a vitória. E há de aparecer alguém para contar a história, ocorrida há muito tempo, de um candidato que pagou chopadas e comprou foguetes para o dia da posse, tudo porque quando passava pela rua 15 de novembro os conhecidos gritavam para ele:

— "Tás eleito, Fulano!"

Foi esse "tás eleito" que fez com que muito candidato ficasse de orelha em pé quando a nova lei eleitoral determinou uma redução drástica nas despesas eleitorais, atribuindo ao partido e não a ele a missão de investir o dinheiro e tratar depois da prestação de contas. Todos acreditam muito mais na velha tradição política, baseada no acerto direto e pessoal, que na maioria dos casos envolve compromissos, cobranças de favores antigos, empréstimo ou doação de um ou dois jipes, mas que podia chegar até à compra pura e simples dos votos.

Tanto desconfiaram, que trataram logo de descobrir maneiras de prestar favores e selar acordos que não infringissem a legislação vigente. Doações, por exemplo. Ou promessas de nomeações. Ou até, dizem, acordos secretos para transformar a votação de determinadas áreas em moeda sonante.

Mas, de qualquer forma, as eleições de logo mais serão das mais baratas de que se tem notícia na história política do Paraná e do Brasil. Os candidatos a senador pelo MDB gastarão 50 milhões cada um; o candidato da Arena ficou nos 80 milhões. Cada candidato à Câmara Federal limitou-se a investir 20 milhões em despesas de propaganda; e os estaduais só 10 milhões. Tudo não ultrapassando a modesta quantia de 3 bilhões de cruzeiros, quando cálculos extra-oficiais indicam que nas eleições de 1962 o custo de propaganda e das despesas gerais ultrapassou 40 bilhões de cruzeiros, sem correção monetária.

Determinar até onde foi respeitada a lei eleitoral é impossível. A verdade é que esta campanha foi, entre todas, a menos suja, porque os cartazes e o pichamento de paredes e muros foi terminantemente proibido. A prefeitura estava obrigada a preparar alguns tapumes para colagem de propaganda, mas os dois partidos de comum acordo abriram mão disso, talvez pensando em diminuir mais as despesas. A lei também limitou muito a propaganda pelo

rádio e TV — esta última racionada por si mesmo, pois os preços de minuto no vídeo não são coisa que qualquer um possa suportar sem ter o orçamento violentamente abalado.

Um deputado estadual explicou da melhor maneira possível a sua ao menos aparente despreocupação pelo resultado das eleições.

— "Com a diminuição dos vencimentos na Assembléia, passei a levar um tombo de 200 a 300 mil cruzeiros por mês. Não é mole você ter que atender diariamente dezenas de pessoas com problemas pessoais, que acham na gente uma espécie de subsidiária da Secretaria do Trabalho".

E se o problema da diminuição do pagamento na Assembléia causou esse problema, muito pior foi a situação dos vereadores, ao saber que não receberiam nem mais um tostão a partir da próxima legislatura. Embora alegando outros motivos muitos resolveram tentar a Assembléia. É o caso dos senhores Arlindo Ribas de Oliveira, Eroní Silvério, Fabiano Braga Cortes, Jobar Cassou, Constantino Kotzias e outros. Preferiram o pagamento encurtado de deputado estadual do que o nenhum de vereador.

De maneira geral, será muito pequeno o número dos que ficarão para a próxima legislatura e os entendidos em política afirmam que haverá uma grande queda no padrão dos legislativos municipais. Lamentam o fato, lembrando que foi na Câmara que sempre se formaram as novas gerações de políticos. Os mais humorísticos prevêem uma nova enxurrada de nomes de ruas e homenagens sem sentido partido das Câmaras Municipais, que, em seu entender, virarão uma espécie de clube literário.

No caso das Assembléias, a preocupação maior é seu crescente esvaziamento político. A legislação revolucionária impediu o deputado de apresentar qualquer tipo de projeto que implique em novas despesas. E, com isso, retirou-lhe o principal instrumento de prestígio. Entre votar leis autorizando o Executivo a executar obras que só serão mesmo executadas quando constarem de seu programa e tentar uma nova escalada política, muitos deputados estaduais preferiram a segunda hipótese.

Este é o caso dos senhores Agostinho Rodrigues, Haroldo Leon Peres, Antonio Ueno, João Vargas de Oliveira, Justino Alves Pereira, Marino Pereira e Moacir Silvestre. Todos acham que na Câmara Federal poderão se projetar mais, usando a tribuna ou trabalhando nas comissões, pois é inegável a repercussão dos trabalhos do Congresso em todos os pontos do país.

Entre os que tentarão a reeleição estão os senhores Eurico Rosas, Sinval Martins, Amadeu Puppi, Anibal Curi, Antonio Rupel (que, ao que tudo indica, desistiu da candidatura), Antonio Lopes Junior, Armando Queiroz, Arnaldo Busato, Arthur de Souza, Pinto Dias, Dino Veiga, Emílio Carazzai, Ernesto Moro Redeschi, Francisco Escorcin, Horácio Vargas, Igo Losso, Mattos Leão, Miguel Dinizo, Miran Pirih (que teve a candidatura impugnada, mas o TRE julgou-se incompetente), Jorge Nassar, Tulio Vargas, Olavo Garcia, Ovílio Belich, Paulo Camargo, Paulo Poli, Piratan Araújo, Renato Bueno. Ao todo, 26. Pouco mais da metade da Casa. Isto significa que a renovação será muito grande.

Entre os novos deputados estaduais há alguns que podem ser apontados por antecipação. Entre eles está o senhor Luiz Cruz, que chegou a ser citado como candidato oficial do governador Paulo Pimentel. A verdade é que o chefe do Governo tratou-o da mesma forma que os demais candidatos da Arena e a grande votação esperada deve-se mais ao trabalho intenso feito em todo o Interior do Estado. Pela Oposição há o senhor Valmor Giavarina, um radicalista de Apucarana que se destacou inicialmente por ter liderado uma campanha contra a Copel, depois na luta pela candidatura Munhoz da Rocha. Outro que parece ter garantido um lugar é o senhor Nelson Buffara, irmão do deputado federal Miguel Buffara e um dos políticos de maior prestígio na região do litoral. E há também alguns nomes que, embora sem garantia de eleição, muitos gostariam que fossem eleitos "só para ver o que acontece".

Um desses casos é o do coronel Jackson Pitombo Cavalcanti, militar da linha dura que tem uma única bandeira de luta: a moralização dos costumes políticos de nossa terra e o combate sem tregua à corrupção, em todos os escalões, sem tomar conhecimento da importância dos atingidos.

Outro caso é o da "nizei" Maria Homi Kinaschi, uma filha de japoneses que mora em Maringá e estuda em Curitiba. NP já contou a história de Maria — uma idealista pura que decidiu representar a mulher paranaense na Assembléia. Sua maior dificuldade é a falta de amparo político e a pouca divulgação do seu nome fora da região em que vive. Mas, de qualquer forma, mesmo não sendo eleita, Maria colocará mais um alicerce em seu prestígio político-eleitoral.

Entre os deputados federais é que há maior percentagem de candidatos à reeleição. Sete pelo MDB e quatroze pela Arena. Vinte e um numa base

cada de vinte e seis. Um caso curioso é o do sr. Wilson Chedid que depois de quatro anos na Câmara Federal, onde sempre apareceu com destaque, culminando por tornar-se um nome nacional quando — junto com seu colega Fernando Gama — pediu o afastamento do presidente Castello Branco, resolveu ser deputado estadual. Quer afastar-se, ao menos por mais um período, do clima às vezes agitado demais de Brasília. E nada melhor para um descanso do que a tranqüila Assembléia que teremos futuramente.

No MDB tem-se como certa a reeleição do deputado José Richa, levado à Câmara pelo prestígio pessoal do general Ney Braga, mas que conseguiu se afirmar graças a um trabalho intenso de bastidores e de plenário. Mesmo mudando de base eleitoral (passou de Campo Mourão para Londrina) Richa deve voltar. Outro que será eleito com grande votação é o senhor Alberto Franco Ferreira da Costa, irmão do vice-governador Plínio Costa e um dos que vêm fazendo um trabalho eleitoral intenso em todos os pontos do Paraná. Um concorrente seu chegou a afirmar que "na última eleição a gente sabia se um lugarejo qualquer tinha eleito pela placa do Hermes Macedo. Agora é o Alberto."

O ex-prefeito João Paulino, de Maringá, também deve eleger-se com facilidade, conforme os testes eleitorais realizados recentemente. É que ele conseguiu projetar sua figura para fora do município, de maneira a se prestigiar numa vasta área que vai do Norte Novíssimo até a Capital do Estado, onde também terá muitos votos.

No mesmo caso, também de Maringá, está o deputado Haroldo Leon Peres, um dos infatigáveis trabalhadores da Assembléia Legislativa, que conseguiu ampliar sua área de influência inicial e hoje tem votos em qualquer ponto do Paraná.

Uma fórmula eleitoral de sucesso que será novamente usada nesta eleição é a da família. Há muitos casos de parentes disputando um a deputação estadual, outro a federal, para aproveitar as vantagens do voto vinculado. O sr. Luiz Losso quer a Câmara e seu filho Igo Losso tenta voltar para a Assembléia com os votos dos protestantes. Nelson e Miguel Buffara devem ganhar cadeiras na Assembléia e na Câmara, com a sua campanha fraternal. O mesmo acontece com os irmãos Anibal e Jorge Curi. E com os irmãos Elias e Fuad Nacle. Um observador notou que o esquema deve ser mesmo bom. "Quando os patricios começam a usar, é porque funciona mesmo".

Resta uma indagação final: os deputados que vamos eleger serão melhores ou piores do que os que atualmente ocupam os cargos? A única resposta possível já é alentadora: serão diferentes, porque haverá uma renovação bastante grande nas representações do Paraná. E, principalmente, serão jovens, pois a grande maioria dos candidatos está na faixa dos 30 anos de idade, havendo muitos, como o jornalista Eneas Faria, que não passa dos 25. Basta estes dois requisitos — juventude e renovação — para dar um mínimo de tranqüilidade ao eleitor de 15 de novembro. O resto depende de sua capacidade de escolher bem e da capacidade do candidato de corresponder razoavelmente.

PAULO MARANHÃO, FIGURA EXPONENCIAL DE JORNALISTA

Ennio Monção Pires

Desapareceu, recentemente, aos 94 anos de idade, na pessoa de Paulo Maranhão, uma de nossas maiores e mais corajosas afirmações daquele jornalismo brava, desabrida, apaixonada e empolgantemente oposicionista. No cenário da imprensa do Pará e do Brasil, foi, na sua permanente vitalidade mental, uma figura de proporções grandiosas, talvez inigualáveis. E seus filhos e netos, e bisnetos, toda uma família, uma plêiade de jornalistas autênticos, jamais lhe deixarão de seguir as pegadas inconfundíveis.

Nem sempre poderíamos estar de acordo com o que opinava, com aquele desassombro, com aquela veemência, que, muitas vezes, quase chegava à insensatez, o glorioso Velho ali da Rua Gaspar Viana, em Belém do Pará, ultra-potente cérebro, alma de brônzea tempera, que, a constituir-se, num só homem, e num só espírito, e numa só e inimitável inteligência, de fulgurações solares, e num só e inalterável caráter, uma equipe, senão uma legião de estupendos batalhadores, de gladiadores, de nova estirpe, de grandes causas, — que nem sempre, e lamentavelmente, poderiam ser as nossas, — se erguia, na Capital guajarina, ali no pórtico da Amazônia gigantesca, uma das mais avançadas sentinelas, na tradicional e querida «Folha do Norte», do jornalismo da terra de Inglês de Souza, de José Veríssimo, de Alfredo Ladislau, de Lauro Sodré, de Antônio Tavernad e, entre outros, ainda, dêste também imenso talento, cultura e bravura como poucas, que é Santana Marques.

Demagogo, como jornalista de oposição, jamais o foi. Nunca, temos certeza, o animaram interesses inconfessáveis, nunca desceu a campanhas sistemáticas, de sentido escuso, em suas arrancadas oposicionistas, em suas lutas, que não foram poucas, contra poderosos locais. Viu, impávido, certa ocasião, e disso nos lembramos nitidamente, ser brutalmente metralhado o seu jornal, que, impressionante fortaleza, resistiu, soberbo, à investida dos sicários e dos insanos.

Humano, e fogoso idealista, poderia incidir em erros, em suas justas político-partidárias, através do grande matutino de que era responsável há mais de cinquenta anos. Se, porém, às vezes, errava, das melhores eram suas intenções, pois que em suas atitudes jornalísticas sempre colocou um legítimo sentido de civismo. Temperamental, e por vezes drástico, senão brutal, no apreciar homens e fatos e situações, mas bravo, e nunca injusto, o Velho Paulo Maranhão. Por isso, um símbolo, na imprensa de sua terra, a dos gloriosos cabanos, e do País.

De origem humilde, tendo iniciado a luta pela existência como foguista, para custear os próprios estudos, chegou a ser, entre seus coestaduanos, um dos luminares como homem de cultura e de militância jornalística. Filho do interior da importante unidade federativa do extremo Norte brasileiro, e tendo emergido do nada, social e economicamente, adquiriu as luzes culturais que todos, dentro e fora do Pará, lhe reconheciam, tornando-se o valor intelectual e a autoridade moral que eram reverenciados até pelos adversários ou os mais ferrenhos e intransigentes inimigos. Mas só os nulos, os mediocres, os incolores, não têm inimigos nem admiradores — e Paulo Maranhão era disso a antítese completa.

Saber autêntico, e educador emérito, conquistou a Cadeira de Literatura da Escola Normal (atual Instituto de Educação do Pará. Mercê também de seus requisitos — mais de setenta anos de jornalismo militante — de homem de imprensa e das causas populares, em cuja defesa sempre se empenhou vibrantemente, chegou ao Legislativo de seu Estado, à Câmara Federal e ao Senado da República. E como escritor, de estilo puro, de forma tersa, de um claro classicismo, tendo incursionado pelo conto e pelo ensaio, foi levado à Academia Paraense de Letras. E a ele, o mais velho profissional de imprensa da América Latina, foi conferida a Ordem Nacional do Mérito.

Com Paulo Maranhão, que, um dia, vai para mais de trinta anos, nós então estudante, vimos, emocionadíssimo, participar, da sacada de seu jornal, de vibrante homenagem da mocidade e povo do Pará à já, naquela época, venerada figura de Lauro Sodré, um dos companheiros de Benjamin Constant dentro da construção de nossa História Republicana — com o Velho Paulo Maranhão vem de desaparecer, materialmente, um dos vultos primários da imprensa do Pará, do Brasil e do Continente.



A paisagem do Rio de Janeiro ganhou uma novidade: a bonita filial do Banco do Estado do Paraná, à rua da Assembléia, 93.

UMA SEMENTE DE PROGRESSO

No convite dizia: "A gralha azul semeia o progresso (e nós também)". E no dia da inauguração da agência do Banco do Estado na Guanabara, Paulo Pimentel explicou:

"A gralha azul, pássaro quase sagrado no Paraná, pelo trabalho multi-seccular de semear pinheiros em nosso planalto, inspirou os promotores do programa inaugural de instalação desta agência, para simbolizar o empenho da direção do Banco do Estado em semear pelo Brasil o nome e os serviços da instituição de crédito paranaense".

A partir daquele instante, o Banco do Estado do Paraná passou a possuir 82 agências espalhadas pelo Brasil e confirmou uma posição de liderança dentro da rede bancária nacional. E' o resultado do trabalho de muitos anos. Todos se recordam que em 1961 a organização encontrava-se em precárias condições financeiras. Foi necessário, inclusive, promover uma intervenção

para sanear o BEP, vítima de longos anos de má administração.

Aos poucos — e é ainda Paulo Pimentel quem assinala essa preocupação — foi realizada a obra da expansão que se desdobra em duas frentes. Uma visa interiorizar cada vez mais os serviços do Banco, dentro do território paranaense, mediante a aparelhagem da rede de agências por todo o hinterland, para que possa atender, com eficiência, os diferentes centros regionais da produção.

Recorda-se que, recentemente, o Banco do Estado adquiriu a rede pertencente ao Banco do Paraná, com 18 agências espalhadas pelo Norte do Estado. A outra linha de ação procura integrar o Banco do Estado do Paraná no sistema bancário nacional, para facilitar a cobertura imediata das transações. E' o resultado do progressivo crescimento das trocas entre o Paraná e demais Estados brasileiros.

NO MESMO DIA
DA
INAUGURAÇÃO
A FILIAL
SUPEROU
A META PARA
OS DEPÓSITOS



Dona Ivone Pimentel foi a madrinha da mais nova filial do Banestado, cuja inauguração foi prestigiada pelo chefe do Executivo Paranaense, o qual compareceu ao ato acompanhado de secretários de seu governo e de toda a diretoria do BEP. Embaixo, o sr. Paulo Pimentel quando discursava, ladeado pelo secretário da fazenda sr. Orlando Mayrink Goes e pelo sr. Nelson Petschow, diretor da Carteira Industrial e Comercial Zona-Norte, do Banco do Estado.



A inauguração da agência do BEP no Estado da Guanabara está enquadrada nesta segunda parte do plano. É o reconhecimento da importância da região Centro-Leste para o desenvolvimento paranaense. E afirma o governador do Paraná: "Não só porque é onde se opera maior soma de nosso intercâmbio interestadual, como também porque é a que melhor reflete as pulsações financeiras e a que traduz, de maneira mais rápida e aguda, o comportamento e as reações da economia e do mercado nacionais".

Uma boa prova da receptividade encontrada foi o volume de depósitos verificados logo após a inauguração. A meta de 500 milhões de cruzeiros em depósitos foi facilmente superada. Era, na maioria, dinheiro de depositantes da Guanabara, que acreditavam poder encontrar ali um novo ponto de apoio para as suas transações com os paranaenses. Mas era também dinheiro de paranaenses, que vivem na Guanabara, e aprenderam a confiar em seu banco.

POR QUEM OS SINOS NÃO DOBRAM

Texto: P. CHARQUETTI
Foto: J. PEDRO DOS SANTOS

Não é somente não. Jamais mesmo. Jamais a frase bonita para encobrir a realidade feia e até estúpida. Caminha pelos pés das crianças o país? Pode ser. Mas para frente?

Nestas latitudes, onde regionalmente alcançou o país maior semidesenvolvimento, o dito lindo poderia corresponder à realidade. Sem dúvida. Pois o asfalto está aí, serpenteando a bem dizer na rosa-dos-ventos. Um dreno aberto para a civilização. Os caminhos íngremes vão se apagando na mapeação da terra.

Mas o complexo de inferioridade econômico-cultural persiste. E' uma constante mesmo em nossa sociologia regional. E' como um polvo estranho, os braços substituídos por pseudópodos.

Em matéria de saúde são tremendas as envolvências do monstro. E se compõe assim na vasta hinterlândia o drama dos primeiros anos de vida de nosso irmão. E' a morte nos primeiros dias da existência, nos meses primeiros no primeiro ano, nos dois ou, para resumir, na chamada primeira infância. A Parca numa positividade tremenda. Numa incidência que envergonha. As sinistras investidas do abantesma se cumprem desde a periferia dos centros urbanos, onde o iluminar festivo da civilização mal consegue ocultar o fenômeno que, a despeito de tudo, ainda oferece uma curva de frequência de nada desprezível.

Nas áreas que mais distantes se escalonam o morrer cêdo, tamanha é a frequência do fato daria uma curva em pico. E agudo, agudíssimo. Em sino. Não se diga que só à gente interiorana, vítima do complexo de inferioridade econômico-cultural caiba a culpa. O desamparo de nosso povo, tomado, é

óbvio, globalmente, todo o país, em matéria de saúde, é de elevado índice. Assim encaradas as coisas, cerca de 40% da população está à margem de qualquer recurso de atendimento à saúde. A infância está nesse cômputo. Estimada a população atual do Brasil em 82 milhões de indivíduos, calcula-se que 48 milhões, ou seja 60% dela é econômico-dependente da outra parte, dos restantes 40%, figurando a infância naqueles 60%. As estatísticas são omisssas, pelo menos segundo os dados de que dispomos, no grupamento etário.

Mas isso é certo. Temos atualmente mais gente, cuja idade oscila de 0 a 19 anos. Nossa população infantil, sabe-se, sofre uma quebra enorme. Até assustadora. Principalmente no grupo etário entre 0 e 1 ano.

Quer dizer que morremos muito cedo. Não precisamos morar em Maceió, campeã no país, nesse drama da mortalidade infantil.

Seja nas zonas de sertania, seja nos gerais ou nos confins da terra roxa, onde um ciclo de economia chega ao auge, o morrer cedo transparece como semi-quotidiana ocorrência. A impossibilidade de serem de uma vez por todas cortadas as peias do complexo de inferioridade econômico-cultural que amalgama o povo, é um desafio. E daí só se pode originar um comportamento passivo diante do drama da mortalidade infantil.

Mesmo numa região, como a em que vivemos, que faz parte de uma área do Brasil onde a renda *per capita* anda a 400 dólares. Enquanto nos altos concílios da nação se estuda e se considera a solução adequada para a solução da precariedade de atendimento das populações o caboclo, mercê mesmo da

quele complexo de inferioridade tão debatido pelos sociólogos, saca a conformação diante da tragédia do menino que Deus vai levando, o do mal-de-sete-dias, o da doença-de-macaco, o de espinhela caída, o da lombriga assustada.

Saca-a a seu modo. Criança morta na terra é anjo redivivo no céu. Mais astuto fôsse e quiçá parafraseasse o velho Bilac:

"Quando uma criança morre no velho engaste azul do firmamento mais uma estrêla resplandesce..."

Essa mentalidade, oriunda de uma filosofia tão bisonha quanto sub-desenvolvida, contrarresta uma tragédia que à base de tanta repetição, vai-se tornando uma banalidade, um fato ao qual já é dada grande importância no dia-a-dia dos povoados pequeninos, dos mítidos aglomerados de gente esparsos aqui e ali, além, acolá, ao longo dos caminhos pobres ou não distantes das grandes vias asfaltadas pelas quais escorre a seiva da civilização, rebrilhando, dos grupamentos humanos que os mapas nem registram, satélites vivos das ricas fazendas de café, dos engenhos que removem as folhas dos ervais verdejantes, das serrarias barulhentas, onde o mais moderno maquinário provindo de Manhattan ou de Glasgow solta o agudo silvo, dissipando a monotonia das horas, das fazendas prósperas dos campos gerais em que na paisagem dos mangueiros a mastreação dos chifres sugere estranhas naus num mar impossível, dos sítios enormes da cana-de-açúcar, dos sítios de algodão, onde uma estranha nevasca de alvas prumas inebria as retinas.



O homem do interior sepulta crianças com o mesmo fatalismo com que lança semente à terra. Ele e o anjo são símbolos do mesmo crime de esquecimento e insensibilidade.

PESQUISA DE NP

CURITIBA, 10º LUGAR NA EXPORTAÇÃO DE ANJOS

No ano passado morreram menos crianças do que em 1964. O mesmo se deu com relação aos nascidos mortos. Já neste ano as estatísticas (embora a relativa facilidade de captação de dados, estes ainda se encontram longe da realidade que é mais dura e trágica) começam a experimentar uma subida. Vamos repassar estes dados para que cada leitor tome consciência desse genicídio sem guerra declarada.

Entre as capitais, segundo o Escritório Executivo de Pesquisa Econômica Aplicada do Ministério de Planejamento, Curitiba está com o coeficiente de mortalidade (1 por mil) de 103,8. Outros Estados: Maceió 266,9; Teresina 259,4; Natal 208,1; Fortaleza 201,6; São Luiz 145,9; Belém 142,9; Florianópolis 130,8; Recife 125,6; Cuiabá 105,4; Salvador 101,2; Porto Alegre 100,8; Belo Horizonte 99,8; Niterói 90,1; Manaus 85,2; Vitória 73,5; Rio 70,3; São Paulo 64,4 e Goiânia 51,6.

Curitiba aparece, em consequência, em 10º lugar na maratona da morte. O Paraná também não está lá numa posição muito cômoda. Isso com relação aos que são registrados. A reportagem ao lado é a outra face do problema — a das mortes anônimas.

Para tomar noção do nosso atraso é preciso lembrar que aqui no Brasil morrem 4 vezes mais crianças do que nos Estados da América do Norte. Outro confronto: en-

quanto a média de mortalidade nos Estados Unidos anda a 26 por mil, na Holanda é de apenas 16,5, na Suécia de 16,6, na Dinamarca de 21,5; Inglaterra 21,8.

Aute isso fica até estranho debater com tanta ênfase o problema do controle da natalidade. A nossa irônica e já anda meio controlada por essas estatísticas mórbidas. Vamos controlar a mortalidade?

CURITIBA

Ano	Nascidos Vivos	Natimortos	Óbitos (Até 1 ano)
1960	12.054	517	1.151
1961	12.463	502	1.150
1962	13.855	530	1.160
1963	14.999	545	1.404
1964	15.107	611	1.239
1965	14.974	577	1.346

ESTADO

1960	133.374	5.739	34.573
1961	140.268	5.845	36.758
1962	156.959	5.739	37.788
1963	168.974	6.628	44.529
1964	170.859	6.769	38.565

(Dados da Divisão de Bioestatística e Epidemiologia da Secretaria de Saúde Pública)



NÓVO HOTEL ROMA

QUARTOS — APARTAMENTOS — JARDINS
RESTAURANTE ANEXO — AMPLA SALA
DE ESTAR COM TELEVISÃO

CONFÔRTO
DISTINÇÃO

Rua Barão do Rio Branco, 805 — Tel.: 4-2117
CURITIBA — PARANÁ



O SUJEITO DA ORAÇÃO

A. A. DE ASSIS

O professor ditou a questão da prova: «Identificar o sujeito da seguinte oração»... e escreveu no quadro-negro: «Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante».

Houve um zum-zum na sala. Protestos. Em cada rosto, sintomas de derrota diante do monstro criado pelo gênio cívico de Osório Duque Estrada. Olhares entrecruzaram-se, esparramando no ar uma dolorosa interrogação. Ninguém podia ajudar ninguém.

— Qual o sujeito? — insistia o mestre sem coração. E acrescentava: «O brasileiro que não souber identificar o sujeito de uma oração do Hino Nacional demonstra não possuir o mínimo interesse pela Pátria».

Os alunos, estáticos e extáticos, sentiam-se dominar por um terrível complexo.

— Se houvesse pelo menos um mapa que ajudasse a descobrir onde está êsse sujeito...

— «Ouviram do Ipiranga as margens plácidas»...

O tempo ia terminando e a busca do sujeito era cada vez mais complicada. Pior do que matar charada. Nem mesmo o James Bond seria capaz de desvendar tamanho mistério. Todavia, para não entregar a prova em branco, os alunos arriscaram as mais diversas respostas. O professor endireitou os óculos. Olhou uma por uma:

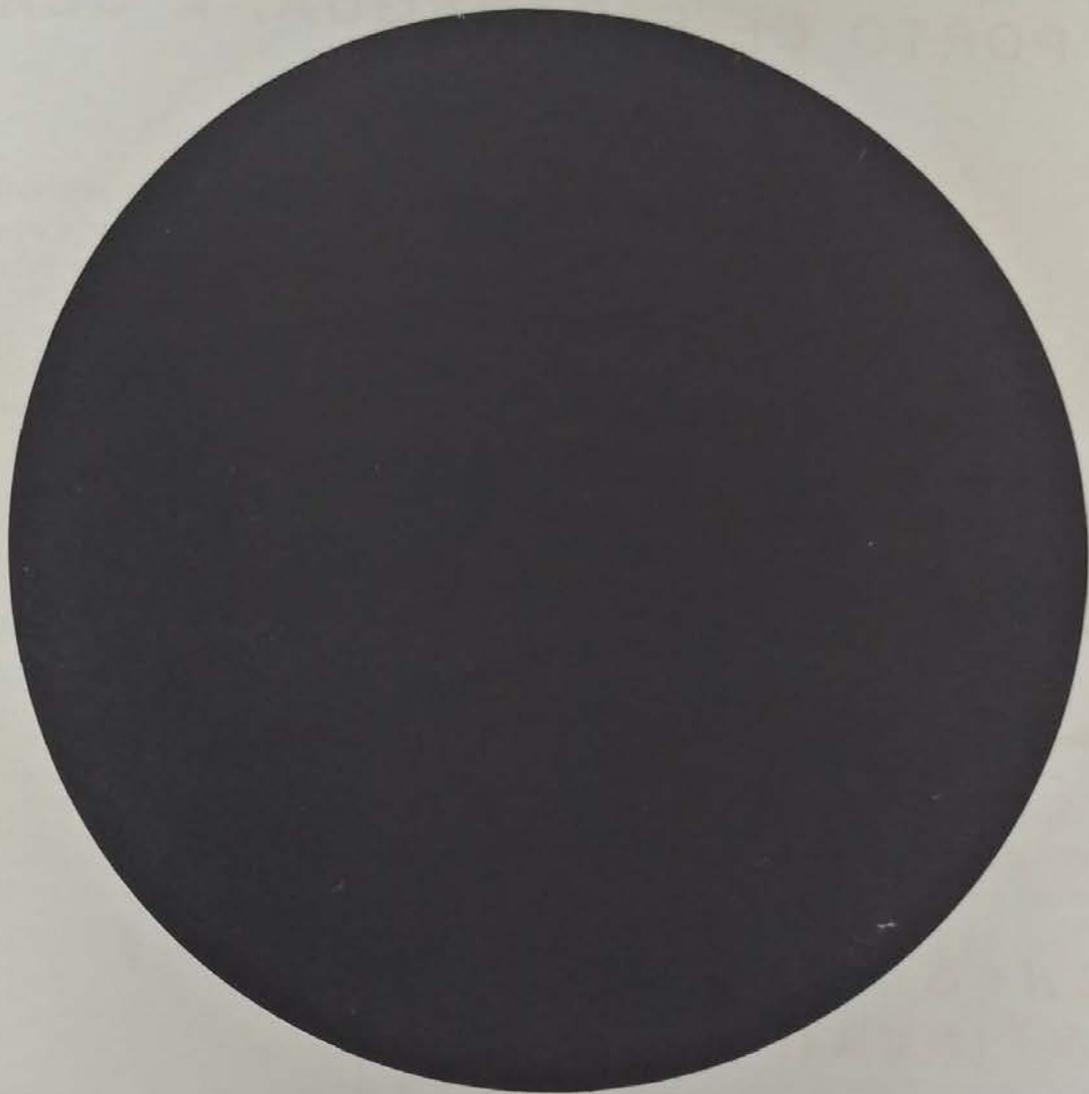
- Sujeito oculto (êles).
- Sujeito indeterminado.
- Oração sem sujeito.
- Sujeito: o povo heróico.
- Sujeito: Ipiranga.
- Sujeito: o brado retumbante.
- Sujeito: Ouviram.

Naturalmente, por uma questão de lógica, já que a Análise Sintática se chamava Análise Lógica, a maioria respondeu: «Sujeito Oculto (êles)». Na verdade, o sujeito oculto era o Osório Duque Estrada, que escreveu essa coisa difícil e sumiu, deixando para milhões de brasileiros a obrigação de entender a oração, sob pena de ver seu patriotismo sob suspeita.

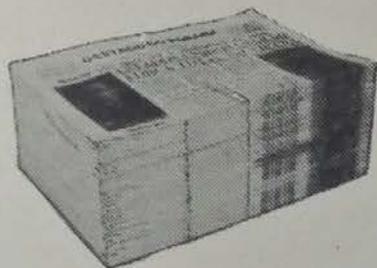
O professor deu zero a todo mundo e explicou: «Olhem aqui, seus imbecis... coloquem a oração em ordem direta e depois analisem. Vejam como é fácil: «As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico». E debulhou: «Sujeito — As margens plácidas do Ipiranga; Predicado: Ouviram o brado retumbante de um povo heróico; Objeto direto: o brado retumbante; objeto indireto: de um povo heróico».

Um aluno levantou-se e fez o desafio:

— Professor! Aceito o zero, mas quero que o senhor convoque todos os deputados e generais do Brasil, pergunte a êles qual o sujeito dessa oração... se 10% acertarem, ponho meu pescoço numa guilhotina!



SOBRIEDADE, TAMBÉM



O PRIMEIRO
JORNAL
PARANAENSE
FILIA DO AD



Um bom jornal precisa ter manchetes
de dois metros de altura?
Muitos acham que sim.

Nos, não.

O ESTADO DO PARANÁ preocupa-se mais
em dar a informação precisa, completa

do que "manchetear"

Achamos que a boa imprensa não é feita

só de tinta e papel

De sobriedade, também

O ESTADO DO PARANÁ

EXPORTAR É A SOLUÇÃO

(VIA PORTO DE PARANAGUÁ, É CLARO)

Mais rápido, mais econômico, mais seguro.
Paranaguá é um portão para o mundo e serve
a uma das mais importantes regiões econômicas
do Extremo Sul do País.

Centenas de caminhões com baixo frete rodoviário
(a tarifa de volta é a mais barata do Brasil).

A Rêde Ferroviária Federal entrega suas
mercadorias no cais, onde há o mais moderno
em matéria de equipamento portuário.

